



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARCELO FERRO VASCONCELOS ALVES

HISTÓRIA DO SURFE NA POROROCA: APONTAMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS
E NARRATIVAS DE PIONEIROS DA MODALIDADE

FORTALEZA

2023

MARCELO FERRO VASCONCELOS ALVES

HISTÓRIA DO SURFE NA POROROCA: APONTAMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS E
NARRATIVAS DE PIONEIROS DA MODALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A48h Alves, Marcelo Ferro Vasconcelos.
História do surfe na pororoca : apontamentos autobiográficos e narrativas de pioneiros da modalidade /
Marcelo Ferro Vasconcelos Alves. – 2023.
69 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação
Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno.

1. Surfe. 2. Pororoca. 3. Esporte. I. Título.

CDD 790

MARCELO FERRO VASCONCELOS ALVES

HISTÓRIA DO SURFE NA POROROCA: APONTAMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS E
NARRATIVAS DE PIONEIROS DA MODALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno.

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Airton de Matos Pontes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Eduardo Mota e Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico esse trabalho aos meus avós, Raymundo
Gomes Alves e Maria Naura Vasconcelos
Alves.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar saúde e disposição para viver essa incrível experiência de surfar este fenômeno. Ao Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno, pela centrada orientação epistemológica.

Aos professores participantes da banca examinadora: Eduardo Mota e Silva e José Airton pelo tempo e pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos que me incentivaram acreditando que mesmo depois dos 50 anos eu poderia me graduar: meus pais, irmãos, filhos. Ao George Noronha e a minha companheira Hedilene Eliziário. Sem vocês eu não estaria aqui. Ao cacique da nossa tribo Noélio Sobrinho, que abriu as portas desse universo maravilhoso do surfe na pororoca.

Aos meus queridos professores que sempre me deram total atenção e se dispuseram a aguentar minhas infinitas indagações. Sempre prontos a responder minhas dúvidas e ensinar o caminho para me tornar um professor comprometido com seus alunos.

E um agradecimento póstumo e eterno a meu querido irmão Guilherme “Gordão” que de onde estiver sei que estará feliz por mim. Auêra auára!

RESUMO

Neste trabalho buscou-se demonstrar os desafios enfrentados ao domar as grandes massas de água em meio a áreas remotas na Amazônia e pré-Amazônia brasileira, assim como as interações com as comunidades locais por onde passamos e as impressões dos surfistas. O estudo pretende instrumentalizar o campo da Educação Física com uma compreensão mais ampla do surfe na pororoca, explorando seus benefícios educacionais, como cooperação, socialização, liderança e respeito. O surfe na pororoca é uma prática esportiva recente no Brasil, e poucos trabalhos foram produzidos para preservar sua memória. Com isso o estudo visa problematizar a história vivida pelos pioneiros nesses mais de vinte e cinco anos de trabalho no fenômeno da pororoca, fornecendo material para estudos futuros. O objetivo geral desse estudo é narrar a história do surfe na pororoca, com foco nos rios Amazonas, Guamá, Araguari e Mearim, a partir da perspectiva dos surfistas pioneiros desde a década de 1990 até 2023.

PALAVRAS-CHAVE: Surfe; Pororoca; Esporte

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the challenges faced when taming large bodies of water in remote areas of the Brazilian Amazon and pre-Amazon, as well as the interactions with local communities and the impressions of surfers. The study intends to provide the field of Physical Education with a broader understanding of surfing the pororoça, exploring its educational benefits such as cooperation, socialization, leadership, and respect. Surfing the pororoça is a recent sport practice in Brazil, and few works have been produced to preserve its memory. The study aims to problematize the history experienced by the pioneers in these twenty years of work in this phenomenon, providing material for future studies. The overall objective of the study is to systematize the history of surfing the pororoça, focusing on the Amazonas, Guamá, Araguari, and Mearim rivers, from the perspective of pioneer surfers from the 1990s to 2019.

Keywords: Surfing, pororoça, sport.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ritual das águas (Fábio Gouveia).....	19
Figura 2 - Ritual Auêra Auára.....	20
Figura 3 - Ritual Auêra Auára (Pinturas).....	20
Figura 4 - Capa do livro AFROSURF.....	21
Figura 5 - Capa do livro Captain James Cook Rob Mundle	22
Figura 6 - Capa do livro Captain James Cook a biography de Richar Hough	22
Figura 7 - Capa do livro “Filhos da Maré”.....	23
Figura 8 - Ilustração do livro “Filhos das Marés”.....	23
Figura 9 - Duke Kahanamoku	24
Figura 10 - Capa do livro “A História do Surf no Brasil”.....	25
Figura 11 - Marcelo Bibita, em El Salvador, no ano de 2023	28
Figura 12 - A força da Pororoca.....	29
Figura 13 - (extinta) Pororoca do Rio Araguari	30
Figura 14 - Pororoca noturna Equipe ABRASPO.....	31
Figura 15 - Mapa das principais Pororocas (incluindo a extinta do rio Araguari) Imagem do Livro Auêra Auara a História do surf na Pororoca	31
Figura 16 - Pororoca do Marajó.....	32
Figura 17 - Ilha do Marajó no Pará	33
Figura 18 - Marcelo Bibita em expedição Marajó	33
Figura 19 - Marcelo Bibita em expedição Marajó-PA	34
Figura 20 - Como se formam as Pororocas - Imagem do Livro Auêra Auara a História do Surf na Pororoca	34
Figura 21 - Transmissão ao vivo da pororoca da floresta amazônica para Ásia	36
Figura 22 - Caçando a pororoca no Rio Amazonas.....	37
Figura 23 - Implantação da escola de surfe na pororoca, no município de Chaves	40
Figura 24 - Entrega das pranchas da escola de surfe na pororoca, no município de Chaves	41
Figura 25 - Implantação da primeira escola pública de surfe na pororoca em Chaves, na Ilha do Marajó, no Pará	41
Figura 26 - George Noronha	45
Figura 27 - Jerônimo Jr.	48
Figura 28 - Vinicius Gomes	49
Figura 29 - Franco Piserchia	50
Figura 30 - Eduardo Salomão.....	52
Figura 31 - Stanley Gomes.....	53

Figura 32 - Gilvandro Junior.....	54
Figura 33 - Ícaro Lopes.....	55
Figura 34 - Jailson Sena.....	57
Figura 35 - Noélio Sobrinho.....	58
Figura 36 - capa do livro “Mascaret prodige de la marée”.....	63
Figura 37 - Capa do livro “Auêra – Auara”.....	64
Figura 38 - capa do livro “Auêra Auara: Pororoça – a onda do Brasil”.....	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 Cultura Auêra Auára	18
2.2.1 <i>O que é o Ritual das Águas Auêra Auára?</i>	18
2.2.2 <i>Origem do ritual</i>	19
2.3 O Surfe	20
2.3.1 <i>Teorias sobre a origem do surfe</i>	20
2.3.2 <i>Conceito de surfe</i>	26
2.3.3 <i>Surfe na pororoca</i>	28
2.3.3.1 <i>O que é a pororoca</i>	29
2.3.3.1.2 <i>Pororocas brasileiras</i>	31
2.4 O início do surfe na pororoca no Brasil	35
2.5 A mídia de olho no fenômeno da pororoca	35
2.6 Surf na Pororoca e a Educação Física Escolar	37
3 MÉTODOS	42
3.1 <i>Coleta de dados</i>	43
3.2 <i>Instrumentos da pesquisa</i>	43
3.3 <i>Análise dos dados coletados</i>	43
3.4 <i>Sigilo dos participantes</i>	44
4 RESULTADOS	45
5 DISCUSSÃO	60
6 CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Este estudo pretende narrar a história do surfe na pororoca a partir de uma abordagem que integra dados autobiográficos, derivados da experiência por mim vivida, bem como na análise de entrevistas narrativas de alguns dos pioneiros no fenômeno no Brasil em uma reflexão pessoal e de relatos coletivos de outros personagens que fizeram e fazem parte desta prática esportiva.

Tendo como foco a história do surfe no fenômeno da pororoca, que ocorre no Brasil, sua origem, seus personagens e a importância dessa prática corporal, tanto como esporte estruturado, circuito próprio, associações etc., como fonte de lazer e satisfação pessoal.

Como surfista pioneiro no surfe na pororoca e aluno do curso de Licenciatura em Educação Física, possuo uma vontade imensa de investigar e sistematizar essa história por meio de relatos orais destes pioneiros no fenômeno de maneira precisa e responsável.

Pretendo demonstrar através destes relatos captados através de questionário aberto, os desafios para se conseguir domar essas imensas massas d'água em meio a florestas remotas nos confins do Brasil. As demandas, os sentimentos, as interações com as comunidades e as impressões com a nossa chegada em cidades como São Domingos do Capim (PA), Arari (MA), Sucuriçu e Bom Amigo no Amapá -pororocas nos rios Amazonas e Guamá, no Pará; rios Araguari, Sucuriçu e Livramento no Amapá e rio Mearim e seus afluentes (Pindaré e Mearim Mirim) no Maranhão.

Acredito na grande importância deste trabalho de preservação e construção da memória do surfe na pororoca, preocupando-me não apenas em mostrar o surfe, mas com uma discussão mais ampla e crítica sobre essa prática corporal e esportiva, e sua influência na vida das pessoas que vivem este fenômeno.

O título desse trabalho poderia, num primeiro momento, inadvertidamente, levar o leitor a indagar por que eu, um surfista de praia que mora a mais de mil quilômetros do fenômeno e estuda Educação Física decidiu optar por uma construção historiográfica de relatos sobre surfe em água doce na confecção do seu trabalho de conclusão de curso?

Seria plausível assim proceder, à medida que existem outros surfistas no fenômeno da pororoca, no entanto me encontro diretamente envolvido com a história de tal modalidade e com essa prerrogativa. Pretendo com minha experiência de mais de vinte e cinco anos neste fenômeno, demonstrar por meio de uma reunião de imagens, documentos e análise de relatos e

narrativas, os modos como esse grupo de surfistas tem desenvolvido essa modalidade desportiva em alguns rios de nosso país e no mundo.

Na discussão acadêmica ora iniciada, acredito que a minha experiência sócio desportiva e a combatividade emocional nela contemplada poderão ser úteis ao olhar crítico do licenciado em Educação Física, instrumentalizando-o com um trabalho que conta, entre outras coisas, o que uma atividade esportiva como o surfe na pororoca pode acarretar aos surfistas, mostrando a saga esportiva de aventura de um grupo de pioneiros para poder surfar este fenômeno natural que ocorre na Amazônia e pré Amazônia brasileira, bem como em alguns outros países tais como: França, Inglaterra, China, Índia, Indonésia, Canadá, em Guiné Bissau no continente africano e ainda outros como Rússia, Austrália etc.

Considerando que o esporte surfe em suas mais diversas vertentes atualmente é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século, esta evolução fez com que o mesmo assumisse múltiplas possibilidades, interessando diversos setores como o político, o econômico, o social, o cultural, o educacional, entre outros.

Especificamente no educacional, vários benefícios podem ser alcançados com este trabalho. Dependendo apenas dos processos e procedimentos pedagógicos empregados, como por exemplo, a demonstração da cooperação, socialização, liderança, respeito, entre outros, fazendo deste esporte um importante elemento na preparação para a vida em sociedade.

O surfe na pororoca é uma prática esportiva recente no Brasil, com pouco mais de vinte e cinco anos, no entanto mesmo com todo aparato tecnológico surgido neste tempo, poucos trabalhos foram produzidos com o intuito de preservar essa memória como documento.

Como estudante do curso de Licenciatura no Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará (IEFES- UFC-CE) e um dos pioneiros partícipes desta história, trouxe comigo ao ingressar neste curso a intenção de produzir um material sobre o surfe na pororoca brasileira de forma concisa e regulado pelas normas acadêmicas, buscando levar ao pesquisador que tenha acesso a este trabalho, informações valiosas sobre essa história, com o intuito de reconstruir histórias, situações e acontecimentos, subsidiado pela voz de outros, assumindo um comprometimento com o valor deste trabalho e com a difusão dos seus resultados para a comunidade, com toda responsabilidade e isenção emocional para produzir um material que realmente descreva o que aconteceu nestes últimos vinte e cinco anos.

Nesse sentido, a força emocional que brota em qualquer relator-redator de uma história em tomar para si algumas opiniões próprias por conta de sua própria vivência podem e devem ser trabalhada enquanto elemento de instrumentalização tanto do campo pessoal de trabalho

quanto de uma vivência destes episódios para encontrar a origem dos fatos mais relevantes no sustentáculo daquela que pode vir a ser uma ação sócio desportiva consistente hoje conhecida como surfe na pororoca.

A história sobre o surfe na pororoca tem recortes interessantes publicados em revistas, blogs etc., inclusive já tem algumas publicações impressas como o livro “AUÊRA AUÁRA a história do surf na pororoca” Noélio Sobrinho/Paulo Silber da Gama Alves. Belém:Ed.,2013 N.p. (200); il., Pororoca a Onda do Brasil – 2 edição Ed. Amazon Black Gold - Noélio Sobrinho 2022, Mascaret Prodige de la marée - 2017 - Antony “Yep” Colas e outras mais que serão usadas como fonte de apoio e referência, como Warat (2004) e Bosquetti (2017, 2019, 2020).

Como autor deste trabalho e partícipe efetivo dessa saga, espero poder contribuir na exposição dessa história por meio das pessoas que convivi nestes vinte e cinco anos de experiência no fenômeno, fazendo parte inclusive da ABRASPO (Associação Brasileira de Surf na Pororoca) e mais de 100 incursões as pororocas do Brasil e do mundo.

Problematizar a história a respeito do que nós pioneiros vivenciamos nestas mais de duas décadas dedicadas ao trabalho neste fenômeno, certamente trará à tona um rico material que subsidiará estudos e pesquisas futuras nesta área.

O surfe na pororoca como esporte tem um viés competitivo, com suas regras e tudo que abrange esse universo, porém não se pode esquecer que surfe é sinônimo de prazer, aventura, de realização pessoal, interação com a natureza. Ou seja, não deve ser excluído da cultura corporal do movimento e das práticas corporais devido a importância dessa história e seu viés lúdico, de liberdade de expressão, que à primeira vista não possui regras e não possui imposições, apenas característica intrínseca da brincadeira que é o voluntariado.

Fortes e Melo (2010) tem defendido que a História do Esporte dialoga com a constituição de uma “história do lazer” (ou como temos defendido mais recentemente, com uma “história da diversão”), em função das situações históricas compartilhadas pelos objetos, ou seja, é uma prática que possui um forte cunho de satisfação e alegria pessoal.

Assim, tenho como objetivo geral narrar a história do surfe na pororoca dando ênfase maior ao surfe nas pororocas dos rios Amazonas e Guamá, no Pará; Rio Araguari no Amapá e rio Mearim no Maranhão a partir do meu ponto de vista e dos demais surfistas pioneiros dessa prática desde a década de 1990 até 2023 que foram entrevistados.

Como objetivos específicos, identificar motivações que nos levaram até a pororoca, descrever como se deram as primeiras expedições de surfe na pororoca, analisar potencialidades e dificuldades vividas por nós, nos estados do Pará, Amapá e Maranhão, analisando a criação e

o desenvolvimento do campo esportivo em tais regiões, a partir de relatos e documentos.

Contudo, gostaria antes de iniciar o trabalho propriamente dito, me apresentar e falar um pouco da minha trajetória no universo do surfe, haja vista que todas entrevistas de uma forma ou outra acabei por fazer paralelos com minhas próprias vivências.

Me chamo Marcelo Ferro Vasconcelos Alves, porém no meio surfístico para me diferenciar de outros “Marcelos”, acabei ficando conhecido por Marcelo “Bibita” que era como meu irmão me chamava desde pequenino.

Comecei a pegar onda nas férias escolares do ano de 1975 com 11 anos, na época era o início do surfe no meu estado e as oportunidades de se ter pranchas eram poucas e o surfe durante algum tempo acabou por ficar mais na minha “cabeça” do que propriamente uma prática regular. Em 1981 conheci alguns jovens que haviam acabado de chegar do Paraná, no sul do Brasil e vieram morar perto da minha casa, eram 3 irmãos todos surfistas, os irmãos Frota.

Dessa amizade, voltei ao surfe com força total e já em 1983 comecei a competir estreando num grande festival o Honda Surfe da Ponte Metálica, aqui em Fortaleza –Ce, com um excelente resultado nessa primeira investida, peguei o gosto e nunca mais parei de competir, sendo meu último título o de campeão brasileiro Longboard 2022 na categoria Legends 50+. Mas, vamos falar em Pororoca!

Meu primeiro contato com este fenômeno veio justamente nessa época em que o surf existia mais na minha “cabeça” do que como falei; uma prática esportiva regular, pois foi em algum ano ainda na década de 70 que assisti a um documentário na TV com imagens em Preto e Branco de um famoso jornalista que fazia um programa de nome: Amaral Neto o Reporter e nesse programa ele mostrava a pororoca do Rio Araguari no Amapá.

Eram imagens aéreas chocantes que mostravam do alto ondas enormes derrubando árvores e arrastando tudo que vinha pela frente daquela massa d’água.... Com os olhos vidrados naquelas imagens vi que ao mostrar outros ângulos em alguns momentos a onda me pareceu surfável e daí fiquei imaginando se não seria possível surfá-la.

O tempo passou e em 1985 eu um jovem de 21anos que já havia resolvido meus problemas de equipamentos montando minha própria fábrica de pranchas, recebo na sede dois jovens paraenses Mauricinho e Noélio Sobrinho, que ficaram meus amigos e numa conversa perguntei a eles sobre a pororoca, já que eles eram daquela região.

Noélio se adiantou, falando que seu pai Sr. Chico sempre lhe falava sobre a pororoca de São Domingos do Capim e que ele ia ver se dava mesmo pra surfar e que se desse tudo certo ele me convidaria. O tempo passou e aquele assunto ficou guardado porém nunca esquecido

em nossas mentes e sempre que nos encontrávamos falávamos sobre a tal onda infinita até que em 1997, eu trabalhava na empresa de Surfwear Maresia como técnico da equipe de surf e recebo um telefonema do Noélio, que entusiasmado falava que nós iríamos finalmente surfar a pororoca, pois ele tinha contatado um pessoal da globo e eles se mostraram interessados de cobrir uma expedição para surfarmos justamente a pororoca do Rio Araguari. Aquela mesma que o Amaral Neto havia mostrado em seu documentário nos anos 70. Porém para tal precisávamos de recursos para viabilizar a expedição e como eu tinha contato direto com a direção da Maresia talvez fosse fácil de conseguir pois o custo era pequeno e o retorno com uma matéria na GLOBO seria enorme para a marca.

Eufórico e cheio de energia pedi aos diretores uma reunião e mostrei a eles todo projeto e os valores que eram bem enxutos, porem em resposta vieram mais comentários de invalidação da empreitada do que visão do que era aquilo que eu estava trazendo quase de graça para eles.

Mesmo eu me prontificando a assinar um termo de responsabilidade isentando a empresa de qualquer responsabilidade sobre a nossa integridade física no caso de acontecer algo de pior, tipo virar barco, ser empalado por paus, ser comido por jacarés etc....enfim, era uma coisa diferente e inédita pois ninguém ainda havia surfado a pororoca e ela era tida como um monstro que devorava tudo por onde passava.

Sem uma resposta positiva e com a informação da pauta também nas mãos de um outro amigo de Noélio, o mesmo faz a mesma proposta para a empresa Redley que imediatamente vendo o potencial daquela aventura, convoca seus dois atletas Guga Arruda e Eraldo Gueiros para protagonizar essa expedição... e assim fizeram.

Um pouco menos de um mês depois de minha reunião na empresa, num domingo vejo uma chamada no programa Fantástico da Rede Globo convidando a todos para assistir em primeira mão o surfe na Pororoca.

Aquilo foi como uma punhalada em nossos corações, estávamos desolados, por termos perdido aquela oportunidade de sermos os primeiros a surfar o fenômeno. Porém tivemos que encarar os fatos e seguir adiante. Em vez de ficar remoendo a tristeza, usamos aquelas imagens fantásticas que eles produziram e usamos para alavancar fundos e fazer as nossas expedições e eventos. Em 1997, mesmo Noélio conseguiu fazer uma expedição ao Canal do Perigoso na Ilha do Marajó junto com o parceiro Junior Doido, onde puderam ver o potencial de mais uma pororoca.

Porém, a distância de Belém até Chaves era muito grande e muito difícil o acesso. Depois de algumas conversas mudou-se o foco para a já famosa pororoca de São Domingos do

Capim e neste mesmo ano foi feita uma expedição para testar a onda. Com o resultado positivo, foi providenciado o primeiro campeonato brasileiro de surf na pororoca em São Domingos do Capim ainda em 1997.

Em 1998, recebi o convite de Noélio para fazer parte da equipe que iria surfar no evento, nesse ano tivemos a companhia do ícone do surf nacional Rico de Sousa e outras celebridades como o campeão mundial de ondas grandes Carlos Burle, os profissionais Dunga Neto, Lucinho Lima, Fábio Silva, Ricardo Tatuí e os atletas locais Sandro Buguelo, Sérgio Roberto entre outros.

O sucesso foi enorme e a cidade virou o centro do surf do estado do Pará durante uma semana. A mídia local e nacional se fez presente durante os 4 dias de evento criando uma nova paixão nacional O SURFE NA POROROCA.

O desafio de surfar aquela onda, a imersão na floresta, o encontro com o desconhecido, as lendas, o misticismo, o medo de encontrar um jacaré, de ser comido por cardumes de vorazes piranhas, ou ser atacado pelo infame candiru que entra pela uretra e faz um estrago nos órgãos genitais, nos fez repensar nossas atitudes e maneiras de interagir com esses medos e receios, pois estávamos adentrando a forças cósmicas, forças da natureza onde as energias fluem em movimentos como as marés o fazem e tínhamos que encontrar o ponto de equilíbrio entre o nosso e o mundo deles, não a toa que existem lendas para explicar o que muitas vezes é inexplicável e para que essas energias fossem sincronizadas adentramos na cultura Auêra Auára onde a luz de cada um reflete na luz do outro para o bem comum.

Tudo faz parte do imaginário e da vida de quem vai surfar a pororoca e por incrível que pareça essa energia auêra auára acaba transcendendo e as dúvidas, os maus pensamentos, tudo se dissipa na hora em que você rema e pega a onda e só fica o prazer, aquela sensação de comunhão com Deus e com seus semelhantes em forma de natureza e da sensação de infinitude que só a pororoca tem o poder de passar aos que a surfam.

Hoje, 25 anos depois, mais de uma centena de viagens para surfar as pororocas do Brasil e algumas do mundo como China e Sumatra, sou o diretor de provas da ABRASPO - Associação Brasileira de Surf na Pororoca- e Noélio Sobrinho com suas mais de 200 viagens para surfar o fenômeno no Brasil e no mundo é o presidente da entidade e estamos aqui firmes e fortes trabalhando para o desenvolvimento da pororoca brasileira objetivando um possível circuito mundial!

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Cultura Auêra Auára

A Cultura dessa neo-tribo, os Auêra Auáras está impregnada de sentimentos de pertence criados através da comunhão dessa família de amigos que anualmente se reúnem durante vários meses na busca da onda perfeita. Num ato de comunhão com a natureza e seus pares eles celebram o RITUAL DAS ÁGUAS AUÊRA AUÁRA, onde se confraternizam, pedem licença as forças da natureza para adentrar em suas matas e rios e se comprometem a proteger e preservar as águas do planeta.

2.2.1 *O que é o Ritual das Águas Auêra Auára?*

O ritual é acima de tudo um encontro de amigos e tem um significado que abrange muito mais que apenas aquele momento de festividade, ele representa a união dos povos na proteção das águas e levar a todos nossa mensagem de comunhão com o próximo, que está embutida no significado da palavra Auêra auára.

Palavra criada por nossa própria galera juntando a palavra wêra que em nheengatu (língua compilada pelos padres jesuítas para uso e maior entendimento dos diversos dialetos usados para comunicação entre os povos originários).

Wêra = luz e Auára uma palavra de complemento fonético que já usávamos entre nós e que espelha um sentimento bom. O que resulta em: tudo de bom que tenho no coração passando pra você e vice versa! Isso é auêra auára.

Porém, não se resume apenas a uma situação de apresentação pessoal. Por exemplo, podemos usar essa expressão como: bom dia! olá! boa Tarde! Boa noite! Vai com Deus! Fica bem! Etc.

Figura 1 - Ritual das águas (Fábio Gouveia)



Fonte: Rick Werneck (Arquivo Pessoal)

2.2.2 Origem do ritual

A origem do ritual se deu nas nossas primeiras expedições no final dos anos 90 e início dos anos 2.000. Depois que tive uma conversa no Amapá com o pajé da tribo dos Waiãpi chamado Caceri Piná, fui tatuado com cinzas e sementes de jenipapo e posteriormente batizado por ele com o pseudônimo de Moyu Yararupi onde ele fez em minhas costas as estampas de uma Sucuri ou Cobra Grande que é o significado da palavra Moyu Yararupi.

Durante o processo de pintura ele me falou um pouco sobre pajelança e sobre a importância de se integrar as pessoas e as boas energias da floresta afim de harmonizar as comunidades.

Fiquei com aquela conversa na cabeça e comecei a ter um olhar diferente durante nossas incursões as Pororocas. Percebi que os surfistas ficavam muito distantes até mesmo das pessoas que nos acompanhavam como o piloto, o pessoal dos jets, a galera do abastecimento, a galera da cozinha, o prático, o capitão etc. além das pessoas das comunidades onde chegávamos. Foi daí que me veio toda ideia trocada com Caceri Piná.

A maneira que encontrei para botar tudo isso em ação seria fazer uma grande roda, fazer uma fogueira, convocar todo mundo e fazer uma dinâmica de apresentação de todos. Em homenagem ao velho pajé e a nossa natural vocação a cultura indígena incorporamos no evento pinturas ritualísticas lembrando esses povos originários que viveram por ali em tempos

distantes. E isso foi o começo de tudo. Com o tempo fomos trazendo novos elementos e incorporando ao lado da preservação ambiental por ser uma causa justa e também para que nosso ritual não se confundisse com algo de religião ou seita.

Figura 2 - Ritual Auêra Auára



Fonte: Raimundo Paccó (arquivo pessoal)

Figura 3 - Ritual Auêra Auára (Pinturas)



Fonte: Raimundo Paccó (arquivo pessoal)

2.3 O Surfe

2.3.1 Teorias sobre a origem do surfe

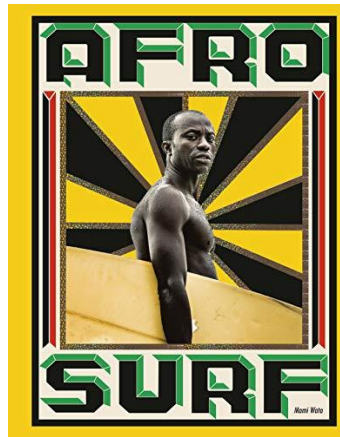
A origem do surfe é um tema envolto em mistério e especulação, pois não há um consenso claro sobre suas origens. Sua história remonta a um passado distante deixando-nos sem informações concretas sobre quando e onde exatamente o surfe teve seu início.

No entanto, pode-se observar que os primeiros povos que se aventuraram nas ondas em barcos primitivos logo perceberam a capacidade intrínseca das ondas de impulsionar ou resistir às embarcações, testemunhando o poder das ondas, e gradualmente começaram a experimentar a sensação de se equilibrar sobre elas, dando origem ao que hoje conhecemos como surfe.

São muitas as vertentes e teorias da gênese do surfe. Para Kojin (2001), talvez a resposta esteja nos antigos habitantes costeiros da África Ocidental ou do Peru, onde os dois maiores poderes naturais adorados eram os arco-íris e as ondas, mas esta cultura está com certeza, enraizada na essência da cultura havaiana.

Em “Afrosurf”, livro sobre a História do surfe africano, o autor Sal Masekela conta que em relatos de antigos navegadores europeus já mencionavam a prática do surfe no século XVII.

Figura 4 - Capa do livro AFROSURF



Fonte: elaborado pelo autor (arquivo pessoal)

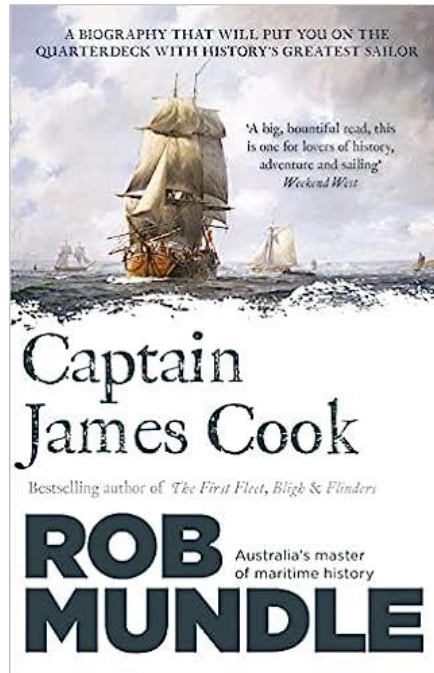
De acordo com Andraus (2019), o surfe no mundo tem duas ou mais possíveis origens, sendo duas delas mais conhecidas e aceitas:

- i) No Peru com as embarcações conhecidas como Cabalitos de Totorá, onde os pescadores ao retornar de sua jornada diária, deslizavam sobre essas embarcações nas ondas até a praia.
- ii) Outra versão vem das ilhas havaianas onde o surfe era praticado de maneira direta e com interação com a onda em si, muitas vezes de maneira ritualísticas e em contendadas.

Segundo Warshaw (2003), o surfe como é hoje em dia conhecido teve a sua origem por volta do século XI, sendo uma invenção da Polinésia, em conjunto com o seu desenvolvimento nas ilhas.

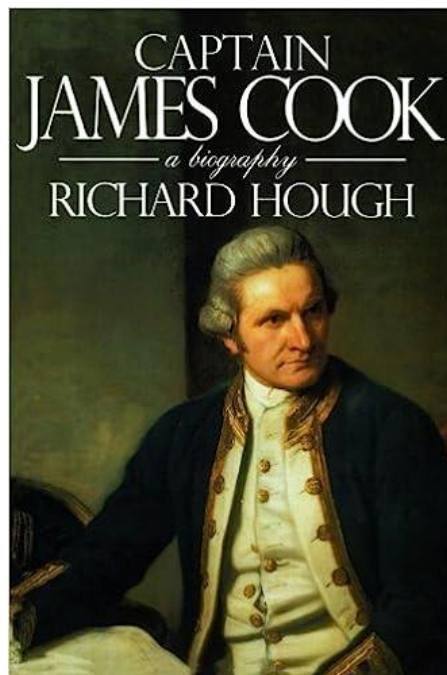
O capitão inglês James Cook, que deu início à colonização europeia das ilhas do Pacífico, chegou ao Havai em 1778 e viu um homem a apanhar uma onda, em cima de uma prancha, sendo o primeiro europeu a presenciar e a escrever sobre o surfe havaiano (MOREIRA, 2009).

Figura 5 - Capa do livro *Captain James Cook* Rob Mundle



Fonte: Amazon.com

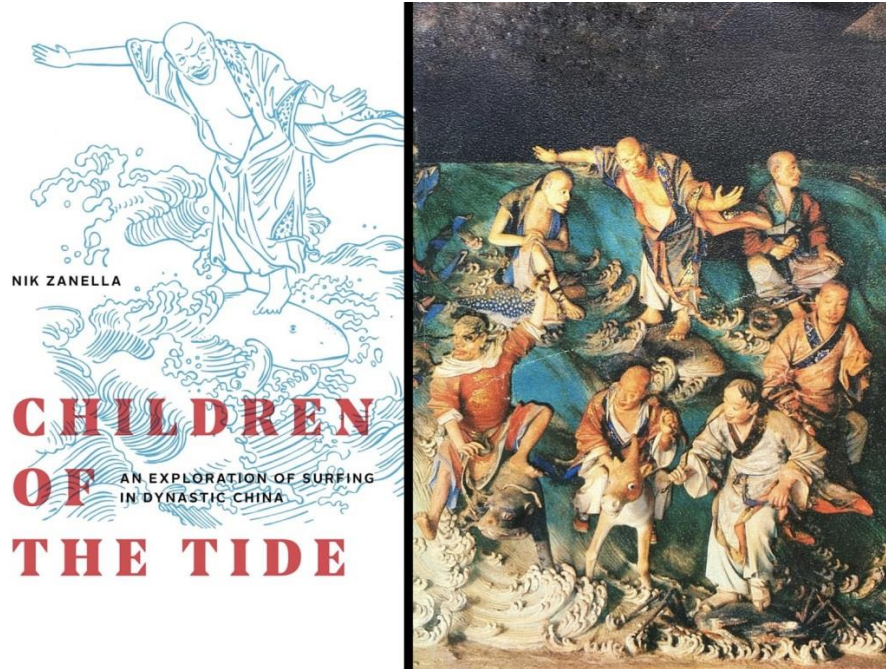
Figura 6 - Capa do livro *Captain James Cook a biography* de Richard Hough



Fonte: Amazon.com

Existe também uma teoria baseada no livro “Filhos da Maré” do Italiano Nik Zanella que fala que o surfe começou na pororoca chinesa.

Figura 7 - Capa do livro “Filhos da Maré”



Fonte: Amazon.com

Figura 8 - Ilustração do livro “Filhos das Marés”



Fonte: Amazon.com

No livro “Children of Tide”, o Historiador italiano Nik Zanella conta que o esporte já existia na China há mais de mil anos. E não surgiu na costa, mas na pororoca do rio Quiantang (China), uma das melhores ondas de maré do mundo. Onde o imperador observava os destemidos surfistas enfrentarem a força da natureza.

Segundo Melo e Fortes (2010), internacionalmente ainda que existam iniciativas anteriores, já que a história do surfe vem se consolidando a partir dos anos 1960, tendo se organizado pioneiramente na Austrália e nos Estados Unidos, com a sua primeira sociedade

internacional (*International Comitee for History of Physical Education and Sport*) fundada em 1967.

Em 1973 a *International Association for History of Physical Education and Sport* foi criada, sendo considerada uma nova associação. E em 1989, as duas se uniram dando origem à *International Society for History of Physical Education and Sport* (ISHPES), entidade que congrega pesquisadores de vários países e leva a cabo, iniciativas como a realização de eventos científicos (MELO; FORTES, 2010).

Contudo, polêmicas de lado o que temos de concreto é que Duke Kahanomoku, um descendente dos reis havaianos mostrou para o mundo o que era o surfe moderno ao trazer sua prancha de surfe e fazer demonstrações nas praias da Austrália nos idos dos anos 1920.

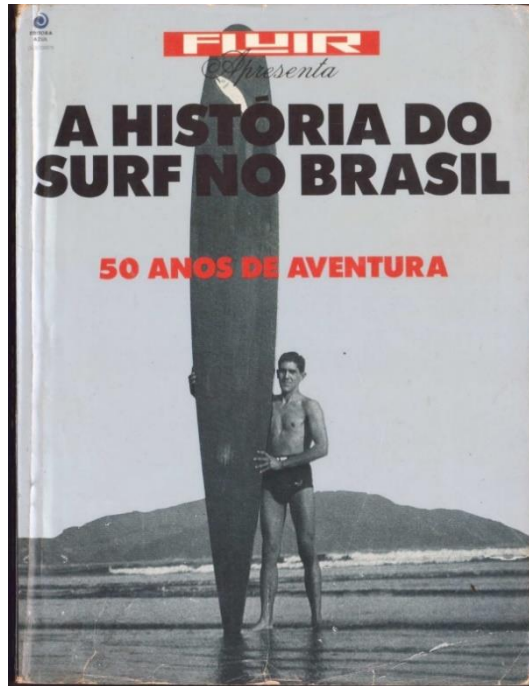
Figura 9 - Duke Kahanamoku



Fonte: Los Angeles Times (2015).

No Brasil, os primeiros rumores do surfe podem ser identificados em meados dos anos 1930, quando uma dupla de jovens de Santos, no litoral Paulista, faz espontaneamente algumas iniciativas na confecção e uso das tábuas havaianas, como eram então conhecidas as pranchas de surfe (ANDRAUS, 2019).

Figura 10 - Capa do livro “A História do Surf no Brasil”



Fonte: Levy leiloeiro, (2016)

Parte da história desse esporte é apresentada nas primeiras produções, publicadas na virada dos séculos XIX e XX sobre sua história no ano de 1893. Andraus (2019) fala que “mais vale tarde do que nunca”, visto que, não é cedo para se escrever sobre a história do surfe nacional, que na falta de testemunhas oculares e de documentos, poderá ter um futuro adulterado.

Assim, a realização de investigações e uso mais frequente de dados orais, bem como a construção de banco de entrevista constando os depoimentos de personagens poderá diminuir o risco dessa defasagem ocorrer (MELO; FORTES, 2010).

Durante a primeira metade da década de 1970, o surfe foi proibido nas praias do Rio de Janeiro entre as 8-14h, pois a prancha era considerada um risco para os banhistas, já que na época não existia a tornozeleira que prendia a prancha ao surfista que evitaria atingi-los (SOUZA, 2004).

Em meados de 1983, houve um surto de surfe no Brasil, contribuindo para a organização e profissionalização do esporte, bem como para o crescimento do número de atletas e de campeonatos que caminharam para a criação de uma associação de abrangência nacional, como em 1987 com o primeiro Circuito Brasileiro de Surfe Profissional (SOUZA, 2004).

Em 2010, surge na mídia especializada uma nova geração de surfistas, denominada Brazilian Storm, que culminou no aumento da participação e de vitórias dos atletas brasileiros em competições internacionais de surfe. Inclusive hoje dia 01/07/2023 aconteceu a vitória de

número 64 de um brasileiro no circuito mundial de surfe. No caso o jovem Yago Dora venceu a etapa de Saquarema no Rio de Janeiro.

Importa destacar que em 2013, segundo a International Surfing Association no mundo já existia aproximadamente 35 milhões de surfistas e no Brasil, mais de 2,5 milhões (NAVARRO; DANUCALOV; ORNELLAS, 2010).

Entre os anos de 2014 e 2019, ocorreu o conhecido efeito Medina que se referiu ao nascimento de novos atletas campeões como Gabriel Medina, primeiro brasileiro campeão mundial de surfe de pranchinha* em 2014 e 2018 e Ítalo Ferreira campeão em 2019 (NEPOMUCENO *et al*, 2020). No surfe, com os pranchões, Phil Rajzman foi bicampeão mundial 2007/2016.

Nos últimos anos, o surfe vem aumentando em número de praticantes de forma expressiva, e hoje, o surfe brasileiro é considerado por seus resultados em competições internacionais entre os melhores do mundo, e a cadeia produtiva que cerca esse esporte ultrapassa muitos milhões de dólares anuais. E dentro deste universo vem surgindo outras possibilidades como o uso de piscinas com ondas artificiais e o surfe no fenômeno da pororoca.

Mesmo com o reconhecimento da relevância histórica do esporte por historiadores como Eric Hobsbawm, Wiggins e Mason, a história do esporte continua gozando de pouco prestígio e reconhecimento tanto nos departamentos acadêmicos de História quanto nos de Educação Física, sendo ainda encarada como de menor valor, como um tema pouco relevante. Entretanto, é inegável a consolidação do campo de investigação (MELO; FORTES, 2010).

Constata-se, deste modo, que a história do surfe revela uma jornada fascinante de descobertas, desafios e conquistas. Através de suas raízes ancestrais e sua expansão global, o surfe se tornou uma expressão cultural e esportiva de grande importância.

No próximo tópico, estarei explorando o conceito de surfe, abordando seus fundamentos, técnicas e a relação íntima entre o surfista, onda e estilo de vida, permitindo apreciar ainda mais a sua complexidade e as experiências proporcionadas por esse esporte.

2.3.2 Conceito de surfe

O surfe é reconhecido como um esporte técnico-combinatório devido à sua natureza que envolve uma combinação de habilidades técnicas e a necessidade de tomar decisões rápidas e precisas.

Em termos técnicos, o surfe exige uma série de habilidades específicas, como o

posicionamento correto na prancha, a capacidade de remar rapidamente para aproveitar as ondas, o equilíbrio necessário para ficar em pé na prancha e a habilidade de realizar manobras diversas, como curvas, rasgadas e aéreas. Cada uma dessas habilidades exige treinamento, prática e aperfeiçoamento técnico ao longo do tempo.

Além disso, o surfe também é um esporte que requer tomada de decisões rápidas e precisas. Durante a prática, o surfista precisa analisar constantemente as ondas, o posicionamento de outros surfistas, as condições do mar e do vento, a fim de tomar as melhores decisões em relação a qual onda pegar, quando remar, onde realizar as manobras, entre outros. Essas decisões são influenciadas por fatores externos e internos, como experiência, intuição e instinto do surfista.

A combinação dessas habilidades técnicas e tomada de decisões torna o surfe um esporte técnico-combinatório. O surfista precisa dominar as técnicas de equilíbrio, remar, manobras, entre outras, e ao mesmo tempo, ser capaz de avaliar e adaptar-se às condições sempre variáveis do mar. Essa combinação de elementos torna o surfe desafiador e complexo, e requer um conjunto diversificado de habilidades físicas e cognitivas para ser executado com sucesso.

A performance dos surfistas envolve critérios como a estética do estilo e a dificuldade das manobras executadas, respaldada por entidades organizadoras como a Confederação Brasileira de Surf (CBS) e a Liga Mundial de Surf (WSL), que estabelecem padrões e regras para as competições.

No caso do surfe na pororoca, devido às suas particularidades, existem regras específicas que foram desenvolvidas e estabelecidas pela Associação Brasileira de Surf na Pororoca (ABRASPO), fundamentadas na experiência teórica e prática dos árbitros e diretores de provas com experiência também em eventos de praia para com isso garantir maior lisura no julgamento sempre levando em conta os critérios básicos como valorizar manobras grandes com radicalidade e fluidez nas partes mais críticas da onda e o aproveitamento da área de surfe durante o tempo da disputa.

Numa conceituação mais holística posso dizer que o surfe é um esporte aquático que envolve a habilidade de deslizar sobre as ondas do mar, dos rios ou piscinas de ondas artificiais, utilizando uma prancha de surfe. É considerado uma forma de arte, expressão e conexão com a natureza.

A exceção das ondas artificiais que tem proliferado nos últimos anos, uma das principais características do surfe é a dependência das condições naturais, como o tamanho e a velocidade das ondas, vento, marés e correntes. Esses fatores influenciam diretamente a experiência e o

desempenho do surfista. Por conta disso, muitos praticantes do surfe acabam se tornando excelentes observadores e analistas das marés, das condições atmosféricas e oceanográficas.

O surfe não se limita apenas aos aspectos técnicos e físicos, mas também envolve elementos culturais e de estilo de vida. Os surfistas geralmente desenvolvem uma relação íntima com o mar, a natureza e a comunidade surfista. Além disso, o esporte tem uma estética própria, com suas manobras, equipamentos, trajes e até mesmo a música que o acompanha.

No surfe, existem diversas modalidades, como o surfe de onda grande, que busca ondas gigantes e desafiadoras, o surfe de performance, que foca em manobras radicais, o surfe na pororoca que hoje ainda está muito ligado a descoberta de novas ondas e desenvolvimento das áreas próximas ao fenômeno e o longboard, que remete às origens do esporte com pranchas maiores e manobras mais suaves. Cada modalidade possui suas técnicas específicas e características particulares.

Em resumo, o surfe é um esporte que combina aspectos físicos, técnicos, emocionais e culturais. É uma atividade que envolve estar em sintonia com o meio ambiente e seus ciclos naturais, exige habilidades motoras e capacidade de adaptação às condições do mar, além de ter uma forte ligação com a comunidade surfista e um estilo de vida próprio.

Figura 11 - Marcelo Bibita, em El Salvador, no ano de 2023



Fonte: fornecido pelo autor

2.3.3 Surfe na pororoca

Compreende-se que o surfe possui uma história rica e diversificada, envolvendo

diferentes culturas e regiões ao redor do mundo. Assim, no próximo tópico, estarei abordando um fenômeno único, o surfe na pororoca.

2.3.3.1 O que é a pororoca

A figura abaixo ilustra a força do fenômeno conhecido como Pororoca.

Figura 12 - A força da Pororoca



Fonte: Malas prontas (2016)

A pororoca é um fenômeno natural resultante do encontro das águas do oceano Atlântico com os rios amazônicos que provoca um estrondo audível a grandes distâncias e gera ondas de tamanho considerável, com alturas superiores a 3 metros e velocidades entre 10 a 15 milhas por hora. (NOELIO; SILBER, 2022).

O termo "pororoca", é originário do tupi: Porok Porok (lê-se Poroca-poroca) e significa "grande estrondo" e descreve de maneira precisa a característica sonora desse fenômeno. A pororoca desperta interesse entre surfistas e aventureiros, que buscam enfrentar o desafio de dominar essas ondas em uma paisagem inserida na região amazônica. Sua singularidade a torna uma experiência desafiadora para aqueles que se aventuram a surfar nesse fenômeno costeiro.

A pororoca é influenciada pela ação das marés, pela morfologia do fundo do rio, pela velocidade e direção do vento, e pela forma do estuário. É caracterizada pela entrada de uma ou várias ondas nos estuários e ocorre principalmente durante as marés de sizígia, quando as forças das marés superam as forças das águas fluviais contrárias, resultando na formação da pororoca rio acima (DA COSTA, 2006).

De acordo com Torres e El-Robrini (2006), há registros na literatura que relatam pororocas com alturas impressionantes, chegando a atingir até 5 metros, que foram observadas na região costeira do Amapá, o que destaca a magnitude desse fenômeno natural e sua capacidade de gerar ondas de grande porte, proporcionando um espetáculo impressionante para aqueles que testemunham seu poder.

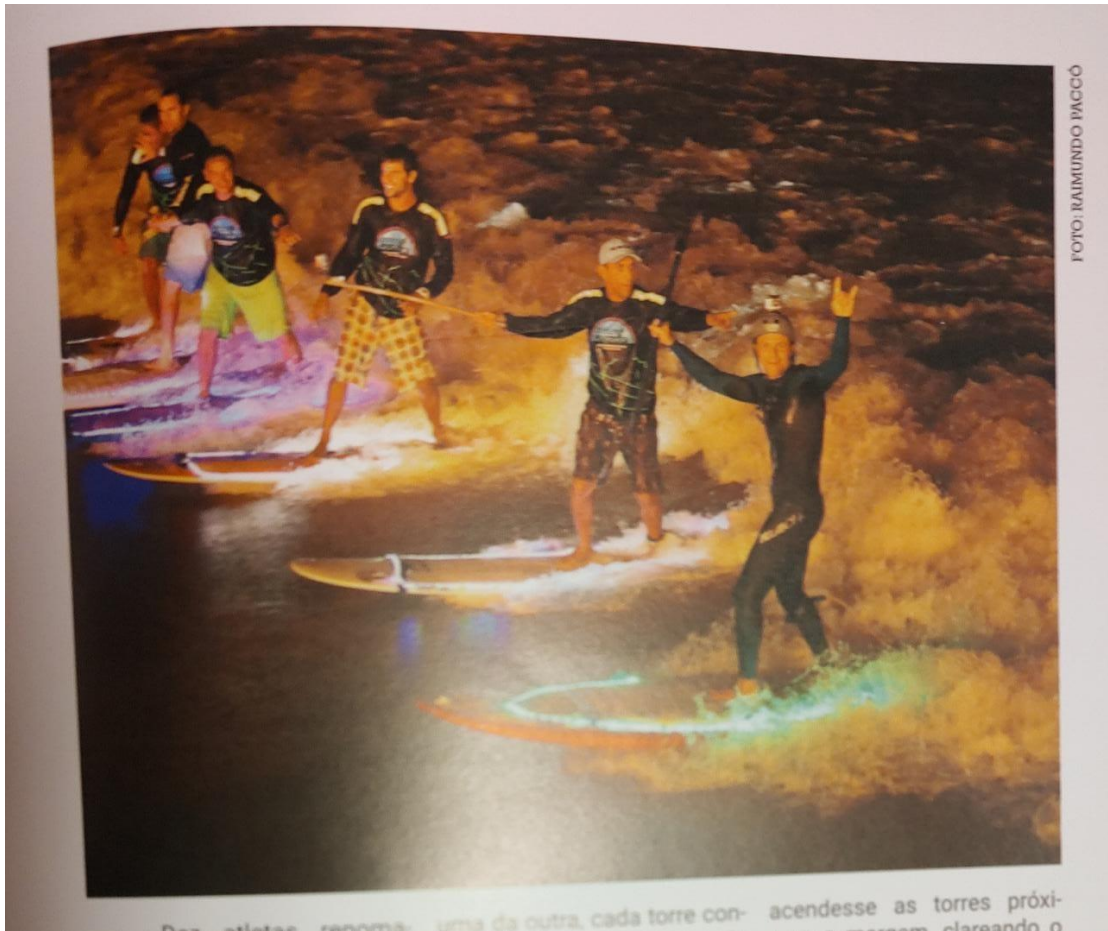
Figura 13 - (extinta) Pororoca do Rio Araguari



Fonte: Arquivo pessoal

A figura a seguir apresenta os locais mais favoráveis para a prática do surfe na pororoca, listando os estados e os rios onde esse fenômeno é mais propício para que surfistas e entusiastas encontrem as condições ideais para desafiar as ondas geradas pela pororoca.

Figura 14 - Pororoca noturna Equipe ABRASPO



Fonte: Raimundo Paccó (Mascaret prodige de la marée –Yep Colas, 2017, p.164).

2.3.3.1.2 Pororocas brasileiras

Figura 15 - Mapa das principais Pororocas (incluindo a extinta do rio Araguari) Imagem do Livro Auêra Auara a História do surf na Pororoca



Fonte: Sobrinho Noélio;Silber (2022).

No Brasil, há regiões com pororocas conhecidas e exploradas. A seguir, destaca-se as principais regiões e as principais pororocas.

Na região do Amapá, os rios com pororocas conhecidas e exploradas são: rio flexal, canal maraca Jipioca, rio Mandubé, rio Caciporé, pororoca do Buiado, igarapé do inferno, rio Sucuriju, rio Araguari (extinta), rio Araksawa, rio congo, rio livramento e Bailique.

Na região do Pará, Rio Capim, Bujaru, igarapé dos paus e Tóio, pororoca do Pernambuco em Inhagapí, canal do perigoso, ilha nova, ilha das pacas, pantanal, rio pacajá, ilha do boi, pororoca da ciriaca, pororoca do papo amarelo e pororoca do limão, canal do Itamaraty, pororoca do arrozal e pororoca do kalual.

No estado do Maranhão, os rios e pororocas mais conhecidos são o grande mearim, mearim mirim, Pindaré, ilha do caranguejo e rio Turiaçu.

Figura 16 - Pororoca do Marajó



Fonte: Rick Werneck (arquivo pessoal)

Figura 17 - Ilha do Marajó no Pará



Fonte: Jeremy Dias (Arquivo Pessoal)

Figura 18 - Marcelo Bibita em expedição Marajó



Fonte: Jeremy Dias (Arquivo Pessoal)

Figura 19 - Marcelo Bibita em expedição Marajó-PA



Fonte: Jeremy Dias (Arquivo Pessoal)

A peculiaridade dos rios da região, com suas desembocaduras em forma de funil desproporcional à largura real de suas curvas, leva a um represamento das águas. Assim, uma enorme massa de água avança com violência, arrastando tudo em seu caminho (DA COSTA, 2006).

Figura 20 - Como se formam as Pororocas - Imagem do Livro Auêra Auara a História do Surf na Pororoca



Fonte: Sobrinho Noélio; Paulo Silber (2022).

2.4 O início do surfe na pororoca no Brasil

No Brasil as primeiras tentativas de dominar esse fenômeno ocorreram em 1997, quando o empresário e surfista Noélio Sobrinho, movido por curiosidade e inspirado por fotos de Jacques Cousteau, descobriu a possibilidade de surfar na pororoca. No entanto, os créditos de pioneirismo na prática são atribuídos a Eraldo Gueiros e Guga Arruda, que surfaram na pororoca do rio Araguaí, no Amapá (DA COSTA, 2006).

Posteriormente, Noélio Sobrinho, com mais três surfistas, experimentou essa prática na Ilha do Marajó, no Canal do Perigoso. Após essa conquista, Noélio organizou mais de 80 expedições, publicou dois livros, desbravou e catalogou dezenas de pororocas surfáveis e criou o Campeonato Brasileiro de Surfe na Pororoca, desde 1999 no rio Capim, no leste do Pará.

Em 2003, o Campeonato Brasileiro de Surfe na Pororoca expandiu suas fronteiras ao adicionar duas etapas, nas localidades de Cotias do Araguaí, no Amapá, e Arari, no Maranhão e hoje também na ilha do Marajó no município de Chaves no Pará.

Durante essas etapas do Rio Capim, destacaram-se dois surfistas notáveis: Sandro Buguelo(PA), que conquistou o título de tricampeão, demonstrando sua habilidade e domínio nas ondas da pororoca, e Ricardo Tatuí(RJ), que foi consagrado como bicampeão, reforçando sua consistência ao enfrentar as ondas amazônicas (Da Costa, 2006). Depois tivemos ainda o hepta campeão Adilton Mariano (CE), e alguns outros grandes surfistas.

Além dos campeonatos, a equipe da ABRASPO comandada por Noélio Sobrinho, realizou mais de 200 surftrips/expedições em várias regiões, do Maranhão, passando pelos arquipélagos do Marajó no Pará e do Bailique, no Amapá até próximo à costa da Guiana Francesa sempre em busca das ondas de pororoca.

2.5 A mídia de olho no fenômeno da pororoca

Nestes mais de 25 anos de surfe na pororoca muitas matérias foram produzidas e veículos como Association Press, National Geographic, Rede Globo, Bandeirantes, Record, canais de esportes como Sportv, Woohoo, Canal Off, inúmeros sites e mais algumas dezenas de veículos especializados ou não, cobriram esta saga.

Em abril de 2013 a mais importante emissora de televisão da China, a estatal CCTV, mandou um batalhão com 85 jornalistas e técnicos para a maior cobertura que já se viu da

pororoça, pois foi exibida para mais de um bilhão de pessoas com transmissão ao vivo bem do meio da floresta.

Nós, dá Abraspo, ficamos encarregados de dar o apoio logístico e “surfístico” a toda equipe providenciando, transporte, (várias voadeiras, dois navios, dois helicópteros, combustível, alimentação, geradores etc) e uma equipe de surfistas experts nas ondas da pororoça.

Mesmo em um lugar tão ermo como a foz do Rio Araguari - AP onde estávamos, através da mais alta tecnologia a equipe fazia uma triangulação entre uma casa de controle na margem que recebia as imagens em tempo real dos helicópteros, e das voadeiras que acompanhavam os surfistas na onda e retransmitia diretamente para um satélite que mandava as imagens para a Ásia com um delay de apenas 5 segundos.

Figura 21 - Transmissão ao vivo da pororoça da floresta amazônica para Ásia



Fonte: Sobrinho Noélio; Paulo Silber (2022).

A Rede Globo de Televisão, um dos mais abrangentes veículos de comunicação de massa da América do Sul reconhecendo o interesse e a popularidade do fenômeno da pororoça, participou de várias expedições que culminaram em matérias no programa dominical Fantástico, no Globo Esporte, Bom dia Brasil e até no Jornal Nacional.

Essa iniciativa demonstra a valorização da pororoça como um fenômeno de relevância esportiva, bem como o reconhecimento da experiência de surfistas renomados que se destacaram previamente nesse contexto (DA COSTA, 2006).

Como se vê, a pororoça é um fenômeno único que combina a força das marés com a

energia dos rios amazônicos, resultando em ondas de grande altura e um estrondo impressionante.

Figura 22 - Caçando a pororoca no Rio Amazonas



Fonte:Jeremy Dias (Arquivo Pessoal)

No próximo capítulo, serão abordados os métodos que utilizei nesta pesquisa para estudar e compreender um pouco mais a pororoca através da visão de alguns pioneiros do surfe no fenômeno.

2.6 Surf na Pororoca e a Educação Física Escolar

A Educação Física é uma disciplina fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, pois proporciona não apenas a prática de atividades físicas, mas também promove valores e habilidades sociais importantes. Como futuro professor de Educação Física e especialista em surf na pororoca, posso destacar como essa modalidade esportiva pode instrumentalizar e contribuir para o campo da Educação Física, explorando seus benefícios educacionais, como cooperação, socialização, liderança e respeito ao meio ambiente e ao próximo.

Em primeiro lugar, a prática do surf na pororoca exige cooperação entre os participantes. É necessário trabalhar em equipe para enfrentar as fortes correntezas e ritmo intenso das ondas. Os alunos aprendem a se ajudar mutuamente, a compartilhar conhecimentos e técnicas, criando um ambiente colaborativo de aprendizagem.

Além disso, essa prática esportiva proporciona um ambiente propício para a socialização. Durante as sessões de surf na pororoca, os alunos têm a oportunidade de interagir com outros colegas, compartilhar experiências e construir laços de amizade. Através do esporte, eles aprendem a respeitar e conviver com diferentes personalidades e habilidades, desenvolvendo habilidades de relacionamento interpessoal importantes.

A liderança é outra competência que pode ser desenvolvida por meio do surf na pororoca. Durante a prática desse esporte, os alunos têm a chance de assumir responsabilidades, tomar decisões e liderar o grupo em diferentes situações. Eles aprendem a lidar com desafios, a tomar a iniciativa e a influenciar positivamente seus colegas, desenvolvendo habilidades essenciais para a vida pessoal e profissional.

O respeito ao meio ambiente e ao próximo também é um valor essencial que pode ser enfatizado durante a prática do surfe na pororoca. Os alunos aprendem a valorizar e preservar o meio ambiente aquático, compreendendo a importância da conservação das águas do planeta. Eles também aprendem a respeitar os outros surfistas, a dividir as ondas de forma igualitária e a agir de forma ética, mesmo em momentos competitivos. Haja vista que a onda da pororoca é apenas uma por vez a cada maré (existem outras ondas secundárias, mas a primeira é a que mais importa para a modalidade surf por sua consistência e duração) e que deverá ser compartilhada entre todos que forem surfar naquela sessão. Essa consciência ética, ambiental e social se estende para além do surfe, tornando-se um compromisso de vida.

Assim, o surfe na pororoca, quando introduzido no campo da Educação Física, proporciona benefícios educacionais significativos. Além de desenvolver habilidades físicas e técnicas, essa prática esportiva como já fora descrito anteriormente promove a cooperação, socialização, liderança e o respeito ao meio ambiente e ao próximo. Cabendo ao professor de Educação Física explorar esses aspectos através de aulas práticas, discussões e reflexões, buscando uma formação integral e cidadã dos alunos.

De acordo com o estudo realizado por Wolanski *et al.* (2010), intitulado "Hydrodynamics of the Pororoca Phenomenon in the Amazon River", o surf na pororoca é considerado um esporte de aventura devido às suas peculiaridades e desafios enfrentados pelos surfistas. Além disso, esse esporte também é classificado como técnico combinatório devido à

necessidade de habilidades técnicas específicas que combinam diferentes elementos do surf.

A pororoca é um fenômeno natural que consiste em uma onda de maré que ocorre no encontro do Rio Amazonas com o Oceano Atlântico. Essa onda de maré é formada pela diferença de níveis de água entre o rio e o mar, resultando em uma grande massa de água que se desloca rio acima. Essa movimentação cria uma onda semelhante a um tsunami, que pode atingir alturas de até 4 metros e percorrer longas distâncias rio acima.

Para surfar na pororoca, os surfistas precisam ter habilidades técnicas específicas. Segundo o estudo, é necessário ter um bom equilíbrio e controle do corpo sobre a prancha, adaptando-se às mudanças rápidas e imprevisíveis da onda. Além disso, é fundamental ter noções avançadas de remada, pois é preciso acompanhar a velocidade da onda para poder surfá-la adequadamente.

A combinação de diferentes elementos do surf também está presente no surf na pororoca. Os surfistas precisam dominar técnicas de manobras em ondas grandes e fortes, como bottom turns, cutbacks e tubos. Além disso, é necessário ter habilidades de adaptação, uma vez que a pororoca pode variar a intensidade, a altura e a forma da onda em diferentes pontos do rio.

Portanto, o surfe na pororoca é considerado um esporte de aventura devido aos desafios e riscos enfrentados pelos surfistas em um ambiente naturalmente hostil. Além disso, é classificado como técnico combinatório devido à necessidade de habilidades técnicas específicas que combinam diferentes elementos do surf.

Como visto no texto de Wolanski, o surfe na pororoca é considerado um esporte de características técnico combinatórias e de aventura. É uma modalidade que combina habilidades de equilíbrio, força, coordenação motora e resistência física, além de proporcionar uma experiência emocionante e desafiadora. Dentro das aulas de Educação Física nas escolas de ensino médio e fundamental, abordar o surf na pororoca pode despertar o interesse dos alunos por esportes diferentes e ao ar livre, incentivando a prática de atividades físicas e uma vida saudável.

A seguir, para exemplificar apresento cinco questionamentos que podem ser indicados aos alunos para responderem durante uma aula:

1. Quais são as principais características técnicas necessárias para praticar o surf na pororoca?
2. Quais são os principais riscos e desafios enfrentados pelos surfistas ao praticar o surf na pororoca?
3. Quais são os benefícios físicos e mentais proporcionados pela prática do surf na pororoca?

4. Quais são as peculiaridades do ambiente em que ocorre o surf na pororoca e como elas podem influenciar na prática do esporte?

5. Quais são as principais áreas geográficas do Brasil onde a pororoca ocorre com maior intensidade e como isso contribui para a popularização do surf na pororoca?

Estes são só alguns dos muitos questionamentos e abordagens que podem ser trabalhadas em sala de aula diante dessa nova modalidade. Podemos envolver transversalmente outros e não menos importantes assuntos como ecologia, economia, astronomia etc.

No mês de abril de 2022 no município de Chaves no Marajó foi criada a primeira escola pública de surfe na pororoca. Uma iniciativa da Federação de Surf do Pará/ ABRASPO/ Prefeitura Municipal de Chaves que beneficia diretamente mais de 30 crianças. Na ocasião tivemos a presença ilustre do campeão mundial de surf Fabio Gouveia, do campeão mundial de skinsurf Lucas Fink e dos atletas profissionais Raoni Monteiro e Nayson Costa.

Figura 23 - Implantação da escola de surfe na pororoca, no município de Chaves



Fonte: Rogério Fernandez (Arquivo pessoal)

Figura 24 - Entrega das pranchas da escola de surfe na pororoca, no município de Chaves



Fonte: Rogério Fernandez (Arquivo pessoal)

Figura 25 - Implantação da primeira escola pública de surfe na pororoca em Chaves, na Ilha do Marajó, no Pará



Fonte: Rogério Fernandez (Arquivo pessoal)

3 MÉTODOS

A metodologia que adotei neste estudo envolve a utilização de histórias orais como base para a pesquisa. A escolha por esse método se deu pela relevância da memória individual e coletiva na construção da história do surfe na pororoca.

Eu, sendo um participante direto desse grupo de surfistas pioneiros, estabeleci critérios para identificar os personagens que seriam entrevistados, levando em consideração minha própria vivência e experiência.

O trabalho teve início com a formulação das perguntas centrais que direcionariam a produção das histórias orais. Essas perguntas buscavam compreender o motivo pelo qual nós começamos a surfar a pororoca e quais benefícios ou mudanças essa prática trouxe para nossas vidas. O objetivo era obter insights sobre as motivações que nos levaram a desafiar as ondas de água doce da pororoca.

A história oral é considerada um método promissor para resgatar a memória nacional e realizar pesquisas em diversas áreas. Ela permite preservar a memória física e espacial, além de valorizar a memória individual dos participantes. O relato de memória de uma pessoa pode representar a memória de muitos, evidenciando assim os fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Além das histórias orais, serão utilizadas minhas lembranças pessoais, pesquisas em revistas, livros, vídeos e reportagens para subsidiar o trabalho e garantir que o que será apresentado condiz com a realidade dos fatos. Esses recursos serão importantes para complementar as informações obtidas nas entrevistas.

As entrevistas serão a base fundamental deste trabalho, e a partir da coleta do material, será realizada uma análise qualitativa para formar uma base de dados. Em seguida, serão selecionados os pontos mais relevantes das entrevistas, levando em consideração a cronologia e o espaço, a fim de relatar sistematicamente a história do surfe na pororoca.

A pesquisa qualitativa, adotada neste estudo, tem como objetivo compreender e interpretar os significados e as experiências dos participantes, buscando uma compreensão mais profunda do fenômeno em estudo (DENZIN; LINCOLN, 2018).

Nesse sentido, a utilização de histórias orais como fonte de dados é fundamental para captar as narrativas e as vivências dos pioneiros do surfe na pororoca que participaram dessa pesquisa.

A utilização de diferentes fontes, como relatos orais, pesquisas em revistas, livros, sites,

vídeos e reportagens, contribui para a triangulação de dados e enriquece a análise da história do surfe na pororoca. Essa abordagem multidisciplinar permite uma visão mais abrangente do fenômeno, incorporando diferentes perspectivas e informações complementares.

Dessa forma, a metodologia adotada neste estudo, baseada em histórias orais e na análise de diversas fontes, visa preservar a memória do surfe na pororoca, reconstruir a história desse esporte e compreender suas motivações, impactos e transformações ao longo do tempo, considerando tanto as perspectivas individuais dos pioneiros como os elementos coletivos presentes nessa prática esportiva.

3.1 Coleta de dados

A coleta de dados para este estudo foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando três perguntas de apresentação e oito perguntas específicas sobre vivência na pororoca previamente elaboradas.

Após o consentimento dos participantes, as entrevistas foram realizadas através de aplicativo whats App e gravadas utilizando um smartphone e posteriormente, o áudio foi transcrito para possibilitar uma análise de conteúdo mais detalhada.

A escolha da entrevista semiestruturada como método de coleta de dados é fundamentada em sua flexibilidade, permitindo que os entrevistados compartilhem suas experiências de forma espontânea (BOGDAN; BIKLEN, 2013). Esse formato de entrevista possibilita a obtenção de informações mais aprofundadas e insights relevantes sobre a história do surfe na pororoca.

3.2 Instrumentos da pesquisa

A pesquisa se deu a partir de uma entrevista semiestruturada contendo de apresentação sobre os participantes da pesquisa e perguntas específicas direcionadas ao surfe e à pororoca. A entrevista semiestruturada consta no final do trabalho, no tópico dos apêndices.

3.3 Análise dos dados coletados

Na etapa de análise de dados, a transcrição do áudio das entrevistas constitui um passo fundamental para a compreensão e interpretação das informações coletadas. A técnica de

transcrição envolve a transformação dos registros de áudio em texto escrito, permitindo uma organização mais sistemática dos dados (BARDIN, 2016). Esse processo facilitou a identificação dos principais temas, padrões e significados presentes nas narrativas dos entrevistados.

A análise de conteúdo é uma abordagem metodológica amplamente utilizada para extrair significados e insights a partir dos dados qualitativos. Nesse contexto, a análise de conteúdo das transcrições das entrevistas me possibilitou uma compreensão ainda mais aprofundada da história do surfe na pororoca e das experiências dos demais praticantes.

Por meio da identificação e categorização dos elementos relevantes presentes nas narrativas, foi possível detectar padrões recorrentes, tendências e nuances nas histórias compartilhadas pelos participantes.

A análise de conteúdo permite explorar os temas emergentes e as conexões entre eles, além de proporcionar uma visão abrangente dos fenômenos estudados (KVALE, 1996). Com base nessa abordagem, foi possível identificar motivações, desafios, transformações pessoais e benefícios relacionados à prática do surfe na pororoca.

Além da análise de conteúdo das transcrições das entrevistas, outros recursos foram utilizados para complementar a compreensão dos dados, como revisão de literatura, pesquisa em revistas, sites, livros, vídeos e reportagens, auxiliando a contextualizar as informações obtidas nas entrevistas, corroborando a validade e a fidedignidade dos fatos relatados pelos participantes.

Por meio da análise de conteúdo, foi possível desvendar os aspectos mais relevantes do surfe na pororoca, compreendendo suas raízes, evolução e influência na vida dos surfistas pioneiros.

3.4 Sigilo dos participantes

No início da pesquisa, foram estabelecidos acordos com os dez participantes, os quais consentiram em ter seus nomes reais utilizados e divulgados nos resultados do estudo sobre o surfe na pororoca.

Essa decisão foi baseada em um processo de consentimento informado, no qual os participantes compreenderam os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos e os potenciais riscos e benefícios associados à divulgação de suas identidades.

O consentimento informado foi obtido antes do início das entrevistas, quando os

participantes foram informados de que seus nomes seriam mencionados nos relatórios e publicações decorrentes da pesquisa.

Eles tiveram a oportunidade de fazer perguntas, expressar suas preocupações e decidir livremente se concordavam em ter seus nomes divulgados. Foi enfatizado que a participação no estudo era voluntária e que eles poderiam retirar seu consentimento a qualquer momento, sem sofrer qualquer consequência negativa.

Ao longo de todo o processo de coleta e análise de dados, foram adotadas medidas rigorosas para garantir a confidencialidade e o sigilo das informações dos participantes. Os nomes reais foram tratados com cuidado e protegidos, sendo utilizados exclusivamente para identificação no contexto da pesquisa. As gravações de áudio e as transcrições das entrevistas foram armazenadas de forma segura e acessíveis apenas à equipe responsável pela pesquisa.

Durante a apresentação dos resultados, os nomes reais dos participantes foram utilizados conforme consentido por eles. Essa abordagem permitiu uma maior autenticidade e credibilidade às informações compartilhadas, uma vez que os participantes assumiram a responsabilidade por suas declarações. No entanto, todas as demais informações pessoais foram mantidas em sigilo, respeitando a privacidade dos participantes.

4 RESULTADOS

Figura 26 - George Noronha



Fonte: George Noronha (arquivo pessoal)

O meu primeiro entrevistado foi **George Noronha**, um profissional de educação física e psicólogo de 39 anos que começou a surfar ainda na adolescência. Quando questionado sobre quantas vezes ele já foi à pororoca e qual foi a primeira vez, Noronha respondeu que não sabe o número exato de vezes, mas estima ter participado de cerca de 25 a 30 operações em diferentes locais, incluindo Amapá, Pará, Maranhão, China e Sumatra. Ele mencionou que cada vez é

diferente e deixa uma marca, mas acredita que a primeira vez foi a mais significativa devido à combinação de ideias, expectativas e realidade que ele vivenciou.

Noronha também foi questionado sobre quais pororocas ele já surfou. No Brasil, ele surfou no Rio Araguari (AP), Rio Sucuriçu (AP), Rio Mearim (MA), Rio Livramento (AP), Rio Capim (PA), Rio Amazonas (PA), além de outras em expedições exploratórias das quais ele não se recorda os nomes. No exterior, ele esteve no Rio Quiantang, em Hangzhou, na China, e no Rio Kampar, na Ilha de Sumatra.

Ao ser questionado sobre o que o motivou a surfar essa onda, Noronha enfatizou que a curiosidade foi um fator determinante. Ele sentiu o ímpeto de desbravar, viajar e conhecer novas ondas, buscando vivenciar experiências diferentes. Através das conversas com outros surfistas, como Bibita, que compartilhava detalhes emocionantes sobre suas operações, Noronha foi despertado para a curiosidade e o desejo de vivenciar tudo isso.

Quando perguntado sobre a importância dessa experiência em sua vida, Noronha destacou a relevância da curiosidade, do impulso e do desejo de surfar e experimentar coisas diferentes. Essa busca por vivências únicas e a oportunidade de explorar as ondas da pororoca deixaram uma marca significativa em sua vida. Através dessa experiência, Noronha foi capaz de alimentar sua paixão pelo surfe, ampliar seus horizontes e encontrar satisfação na busca por novas aventuras no mundo das ondas.

George Noronha, ao ser questionado sobre o fenômeno da pororoca, descreveu-o como algo que beira o fantástico e o sobrenatural. Para ele, a pororoca é uma onda infinita de água doce que pode enganar até mesmo os surfistas mais experientes. Ele a considera um evento místico e sobrenatural, acompanhado da energia da floresta e de tudo o que acontece durante esses momentos.

Noronha continuou descrevendo a experiência de surfar a pororoca como algo transformador, que o fez enxergar uma parte do Brasil que ele nunca imaginava existir. Ele destacou a grandiosidade da selva amazônica, a imponência dos rios e a força das águas, que o conectaram ainda mais com a natureza presente em seu ser. A beleza indescritível e a magnitude da pororoca tornam difícil traduzir em palavras, mas a experiência é capaz de despertar uma profunda conexão com a natureza e uma transformação interior.

Quanto à diferença entre surfar na pororoca e no mar, Noronha explicou que a dinâmica é completamente diferente. No mar, o surfista pode chegar com seu carro, ônibus ou bicicleta, pegar sua prancha, colocar o leash e entrar no mar para surfar. Já na pororoca, é necessário percorrer quilômetros em deslocamento para alcançar outros pontos de surfe, já que o surfista

está em constante movimento. Ele entra em um local e sai em outro.

Esse deslocamento durante o surfe na pororoca é uma das características que a tornam muito diferente do surfe no mar. Noronha mencionou que, mesmo em praias como a Praia do Futuro, no Ceará, onde é possível percorrer até 4 km em pouco mais de uma hora durante dias de forte correnteza, a pororoca é muito mais intensa, com uma velocidade média da onda de 25 km/h, somada à velocidade de deslocamento no rio. Em suma, ele enfatizou que o surfe na pororoca é uma experiência completamente distinta do surfe nas praias.

Ao ser questionado sobre o que mais gosta na pororoca, George Noronha expressou a dificuldade de apontar um único aspecto, uma vez que a experiência como um todo é completa e envolvente. Ele mencionou a dinâmica do processo, desde entrar no rio e buscar a pororoca até ouvir o seu som ao longe e finalmente avistá-la.

Além disso, ele ressaltou os sabores locais, como o açaí, o cupuaçu e o bacuri, e a experiência de compartilhar um barco com amigos durante vários dias. Noronha também valorizou o tempo de contemplação após a passagem da pororoca. O misticismo no Ritual das Aguas Auêra auára. Cada elemento se encaixa como peças de um grande quebra-cabeça, onde todas as partes devem funcionar em harmonia para uma experiência global satisfatória. No entanto, ele destacou que o mais importante é surfar a onda, pois perder uma onda pode causar uma sensação de tristeza que só pode ser curada com o surfe do dia seguinte.

Quanto à importância dessa experiência em sua vida, Noronha enfatizou que o surfe na pororoca trouxe vivências incríveis e experiências fantásticas, quase surreais e sobrenaturais. Essa vivência transformadora o tornou uma pessoa mais comprometida com a natureza, consciente da importância da preservação e do papel de cada indivíduo nesse contexto macro. Ele se tornou mais sensível a essas questões, desenvolvendo um maior respeito, cuidado e comprometimento. Assim, o surfe na pororoca operou significativas mudanças em sua vida pessoal.

Quando questionado sobre o futuro do surfe na pororoca, George Noronha expressou sua visão de empoderamento dos ribeirinhos, semelhante ao que ocorreu em outros lugares onde esportes descobriram locais perfeitos para sua prática. Ele acredita que haverá uma mudança na visão das sociedades, culturas e povos que vivem nas áreas próximas às pororocas. As pessoas se engajarão cada vez mais na rede social e de trabalho que envolve o esporte. Noronha ressalta que o surfe na pororoca depende de guias, pilotos, práticos, pilotos de jet ski e pessoas que oferecem apoio durante a prática, como ajudar com a banana boat e conhecer os pontos de perigo e onde as ondas quebram. Ele imagina que toda essa cadeia de serviços e suporte se

desenvolverá no futuro próximo.

Por outro lado, Noronha menciona o potencial turístico gigantesco no Brasil que, infelizmente, muitas vezes é negligenciado, resultando na falta de apoio e incentivos necessários para o desenvolvimento de práticas como o surfe na pororoca. Ele destaca a importância de explorar esse potencial e fornecer os recursos adequados para impulsionar o desenvolvimento dessa atividade.

Figura 27 - Jerônimo Jr.



Fonte: Jerônimo Jr. (Arquivo pessoal)

O segundo entrevistado, **Jerônimo Aranha Ribeiro Junior**, também conhecido como "**Minhoca**", é um funcionário público estadual com 48 anos de idade. Que segundo ele, assim como Noronha começou a surfar ainda na adolescência com uns 14 anos.

Quando questionado sobre quantas vezes ele já foi à pororoca e qual foi a primeira vez, Minhoca respondeu que já foi inúmeras vezes, mas nunca conferiu o número exato. Por morar próximo às regiões onde ocorrem as pororocas, ele aproveita a oportunidade de surfar a pororoca todos os anos.

Em relação às pororocas que ele já surfou, Minhoca menciona ter surfado primeiro as pororocas do Rio Mearim e Pindaré no Maranhão e posteriormente no Rio Capim em São Domingos do Capim no Pará.

Quando questionado sobre sua motivação para surfar essa onda, Minhoca mencionou que, na época em que começou a se envolver com o surfe, o conceito de surfar a pororoca ainda era desconhecido. No entanto, um conhecido chamado Noélio lhe apresentou o município de Arari, o que levou a sua primeira experiência surfando a pororoca. Desde então, ele se apaixonou por essa prática e nunca mais parou.

Para Minhoca, a importância dessa onda em sua vida é indescritível. Ele descreve a experiência de surfar a pororoca como algo inigualável, afirmando que não há nada igual a ela. Ele ressalta que, se um surfista deseja experimentar um surfe com ondas longas e incansáveis, precisa vivenciar a frequência desse surfe de selva. A pororoca se tornou uma parte fundamental de sua vida, proporcionando uma conexão única com a natureza e a emoção de deslizar sobre as ondas que adentram a mata.

Quanto à diferença entre o surfe na pororoca e o surfe no mar, Minhoca destaca que são experiências bastante distintas. Enquanto no mar o surfista geralmente finaliza a onda e retorna para o outside (local onde o surfista “pega” as ondas), na pororoca é possível degustar a onda, realizar manobras várias vezes até sentir a perna cansar, enquanto se observa a onda adentrando a mata. Ele descreve essa experiência como algo fantástico e singular.

Na continuação da entrevista, Minhoca menciona o que mais gosta na pororoca: a possibilidade de realizar inúmeras manobras e surfar por vários minutos sem a necessidade de interrupção. Ele destaca a importância dessa experiência em sua vida, afirmando que surfar na pororoca o ajudou a aprimorar suas habilidades no surfe e a conhecer diversas pessoas que contribuíram para sua evolução nesse esporte.

Sobre o futuro do surfe na pororoca, Minhoca responde de forma descontraída, afirmando que o número de surfistas na pororoca continuará a crescer, indicando um aumento na popularidade dessa prática. Essa resposta revela a perspectiva otimista de Minhoca em relação ao crescimento e à expansão do surfe na pororoca, com mais pessoas se aventurando e desfrutando dessa experiência única.

Figura 28 - Vinicius Gomes



Fonte: Vinicius Gomes (Arquivo pessoal)

Vinicius Gomes “Cabocão”, o terceiro entrevistado, é um maranhense de 38 anos com

uma extensa experiência na pororoca. Ele revelou que já surfou a pororoca cerca de 50 vezes, sendo a sua primeira vez em setembro de 2001 no Rio Mearim, no estado do Maranhão. Além disso, ele mencionou ter surfado também na pororoca do Rio Capim, no Pará.

A motivação de Vinícius para surfar essa onda foi a busca por inovação e pelos desafios naturais. Ele viu na pororoca a possibilidade de descobrir uma nova modalidade de surfe no Maranhão, proporcionando uma experiência única e emocionante.

Quando questionado sobre como ele descreveria a experiência de surfar a pororoca, Vinícius comparou-a a um encontro com o criador, ressaltando a intensidade e a energia que essa onda transmite. Para ele, surfar a pororoca é uma experiência espiritual e transformadora.

Vinícius destacou a diferença entre o surfe na pororoca e no mar, mencionando que na pororoca é possível surfar por um tempo muito maior, compartilhando a onda com vários surfistas. Além disso, a proximidade com a floresta ao lado e a densidade da água do rio são aspectos que tornam o surfe na pororoca um diferencial.

Entre as coisas que Vinícius mais gosta na pororoca, estão os amigos que encontra nessa jornada e a energia única que a onda transmite durante a experiência.

A importância dessa experiência na vida de Vinícius é a superação de desafios. Ele acredita que, depois de enfrentar um fenômeno como a pororoca, está preparado para encarar qualquer desafio na vida, fortalecendo-se mental e fisicamente.

Sobre o futuro do surfe na pororoca, Vinícius projeta um aumento no turismo e a criação de pousadas e hotéis ao longo do percurso da pororoca. Ele vislumbra a possibilidade de estabelecer um circuito mundial de surfe na pororoca, atraindo surfistas de todo o mundo para desfrutar dessa onda única. Além disso, a criação de uma marca própria da pororoca, geração de emprego e renda para os moradores ribeirinhos são outros aspectos que ele acredita que possam impulsionar o desenvolvimento dessa prática.

Figura 29 - Franco Piserchia



Fonte: Franco Piserchia (Arquivo pessoal)

O quarto entrevistado foi o Franco/Brasileiro **Franco Piserchia** de 45 anos, morador de Biarritz na França que começou a surfar aos 14 anos e foi criado em Belém do Pará, dando – lhe oportunidade de conhecer e conviver com essa turma pioneira do surfe na pororoca.

Questionado sobre quantas pororocas ele já havia surfado na pororoca, Franco estima em 80 trips para a pororoca e que sua primeira vez foi em São Domingos do Capim no Pará em 2002.

Questionado sobre quais pororocas ele já havia surfado, Franco disse não lembrar de todos os rios, mas que alguns ele lembrava bem como: Rio Capim em São Domingos do Capim (PA), Rio Mearim no Maranhão (MA), Rio Amazonas no Canal do Perigoso (PA), Rio Araguari no Amapá (AP), Rio Dordogne em Bordeaux na França.

Sobre o que o levou a surfar a pororoca ele relatou que quem o motivou foram seus amigos: Noélio, Junior Doido, Marcelo Bibita. “Essa galera que respira pororoca e por minha proximidade com eles, acabei que me juntando ao grupo pois como fui criado no Brasil e justamente no Pará tudo aconteceu naturalmente em suma foi a vontade de estar com eles, de desafiar aquela onda que eles falavam com tanto entusiasmo” declarou Franco.

Questionado sobre o que ele mais gostava na pororoca nosso Franco disse que era a sensação de estar no meio da natureza, estar numa vibe muito boa, participar do ritual das águas, ficar em alto astral, estar completamente desligado do mundo que a gente vive.

Questionado sobre como descreveria a experiência de surfar a pororoca, Franco diz que é um misto de adrenalina e encantamento.

Questionado sobre a diferença entre o surfe na pororoca e o surfe no mar ele relata exemplificando que na praia tem gente bronzando, jogando altinha, correndo etc e na pororoca é completamente diferente. São braços de rios, você estar de barco, ou de jet ou mesmo sem equipamento de motor apenas indo surfar na remada, é apenas uma onda por dia, é aquela vibe daquele momento pra tudo dar certo para o surfista não perder aquela única onda do dia. Além de que diferente do mar, essa onda única você tem que dividir com os amigos, não é uma onda igual no mar que cada um pega uma.

Questionado sobre o que ele mais gosta na pororoca ele responde que é a energia da selva, o ritual das águas, o encontro com os amigos, a trip em si, “jogar conversa fora”, ouvir o som da natureza, se desligar dos problemas da cidade.

Questionado sobre a importância dessa experiência na vida dele, Franco disse que se pudesse estaria indo pra “lá” em todas luas pois serve para ele botar a cabeça no lugar, refletir

sobre a vida, seus projetos, ver em que ele pode melhorar, e evoluir. Pois segundo ele “vamos envelhecer surfando essa onda. Enquanto tivermos saúde estaremos a procura dessa onda perfeita e infinita.”

Questionado sobre o futuro do surfe na Pororoca, Franco respondeu que acredita que seja o crescimento das áreas onde acontece o fenômeno, assim como ocorreu na França, os distritos onde ocorre a mascaret (nome dado a pororoca francesa) cresceu o turismo, no Brasil vai acontecer a mesma coisa.

Figura 30 - Eduardo Salomão



Fonte: Eduardo Salomão (Arquivo pessoal)

O próximo entrevistado foi **Eduardo Henrique Salomão Silva**, um funcionário público de 45 anos “filho” da cidade de Arari, uma das principais áreas de pororoca do Maranhão Eduardo ou Dr. Eduardo como é mais conhecido no meio, já pratica o surfe na pororoca há 19 anos.

Perguntado sobre quantas vezes e onde já surfou o fenômeno, ele declarou que já surfou mais de 100 vezes, porém sempre no Rio Mearim e algumas vezes se aventurou também no Rio Pindaré ambos afluentes do Rio Grande Mearim no Maranhão.

Questionado sobre o que o motivou e como descreveria a sensação de surfar a pororoca Eduardo diz que a princípio a motivação veio através da curiosidade causada por todo movimento advindo dos eventos da ABRASPO e ele como já era surfista de praia não poderia ficar de fora, quanto a sensação ele foi bem sucinto dizendo que era uma sensação maravilhosa.

Questionado sobre a diferença entre o surfe na pororoca e o surfe no mar, Dr. Eduardo disse: “A diferença é gritante, completamente diferente. O ambiente diferente, a força etc”.

Questionado sobre o que mais gostava na pororoca, ele respondeu “O que mais gosto é o tempo que a gente surfa na onda da pororoca. A experiência foi a melhor possível porque já surfei a maior e melhor e mais longa onda de minha vida, mas já quase morri também surfando

a pororoca. Meu leash engatou em alguma coisa embaixo d'água, daí puxei o leash(corda de segurança) e consegui emergir do fundo do rio.

Questionado sobre a importância do surfe na pororoca na sua vida Eduardo considera essa prática uma válvula de escape ao stress do dia-dia.

Respondendo ao questionamento sobre como ele vê o futuro do surfe na pororoca, Dr Eduardo declarou: “O futuro é preservar cada vez mais os ambientes dos rios para as futuras gerações também poderem surfar”.

Figura 31 - Stanley Gomes



Fonte: Stanley Gomes (Arquivo pessoal)

O sexto entrevistado foi o bacharel em Turismo **Stanley Gomes (AC)** 51 anos, nascido no Acre criado em Belém radicado em Macapá há 27 anos. Aprendeu a surfar no mar, nas ondas do Estado do Pará, e depois mudou-se para Macapá e tem se dedicado quase exclusivamente ao surfe nas pororocas.

Questionado sobre quantas vezes e onde ele já surfou o fenômeno da pororoca e o que o motivou, Stanley declarou que já surfou mais 100 vezes nesses 18 anos que ele surfa a pororoca. Sendo sua primeira vez no Rio Araguari no Amapá. Depois no Canal do Perigoso no Arquipélago do Marajó, declarou ainda que foi o primeiro a surfar o Rio Congo no Arquipélago do Bailique e no Rio Flexal no Amapá, surfou também no Rio Mearim em Arari no Maranhão, surfou a pororoca do Rio Arrozal próximo de Macapá e o Rio Capim em São Domingos do Capim - PA.

Questionado sobre a experiência de surfar a pororoca Stanley ressalta que a experiência de surfar a pororoca é única no mundo, pois através dela o surfista faz uma integração com a natureza, em uma onda que parece não ter fim, que a onda da pororoca é algo cobiçado por qualquer surfista no mundo, haja vista que a maior onda do mundo que se encontra em Nazaré

Portugal, poucos surfistas no mundo tem condições e preparo Físico e psicológico para surfar, já a pororoca, segundo ele, é uma onda que contempla todas as categorias de surfistas do mundo. Mesmo os surfistas com pouca experiência podem usufruir desse fenômeno da natureza.

Questionado sobre a diferença entre o surfe do mar para o surfe na pororoca ele destaca que a diferença do mar para pororoca são muitas, a principal diferença segundo ele, e que faz muitos surfistas desistirem de pegar ondas, está na dificuldade de entrar no mar até o ponto onde as ondas começam a quebrar. “... porque você pega muita onda na cabeça, bebe muita água e precisa de muito vigor físico e determinação para conseguir deslizar nas primeiras ondas”. Já na Pororoca, apesar dos perigos inerentes como correnteza forte, troncos e galhos no percurso, dependendo de onde você se posicionar no rio a onda que muitas vezes vem perfeita é a única e você pula de uma lancha já no ponto onde a onda começa a permitir a prática do surfe. Por isso na opinião dele surfar a pororoca é mais fácil.

Questionado sobre o que ele mais gosta e sobre o futuro do surfe na pororoca Stanley declarou: “O que eu mais gosto é poder surfar vários minutos consecutivos e a importância da Pororoca na minha vida é porque me fez voltar a estudar depois de 17 anos parado e fazer um curso superior em bacharelado de turismo, já o futuro do surfe da Pororoca será uma modalidade com muita inclusão social para comunidades ribeirinhas e sustento com o turismo para muitas famílias ao redor das localidades onde ocorre o fenômeno.

Figura 32 - Gilvandro Junior



Fonte: Gilvandro Junior (Arquivo pessoal)

O sétimo entrevistado foi **Gilvandro de Almeida Souza Júnior-(PA)** 53 anos. Mais um dos pioneiros no surfe da pororoca no Brasil, com quase 130 expedições para surfar o fenômeno, Gilvandro “Jr. Doido” Almeida surfou pela primeira vez em 1997 no Canal do Perigoso no Arquipélago do Marajó.

Questionado sobre quais rios ele já surfou pororocas Gilvandro enumera os que ele considera os principais: Rio Araguari (AP), Arquipélago do Marajó (PA) Rio Mearim (MA) Pindaré (MA) e Rio Capim (PA).

Sobre sua motivação “Jr. Doido” declara que foi por ser surfista e ainda mais sendo uma onda na Amazônia onde ele reside e isso seria também um diferencial na vida dele, pois poucos se atreviam a encarar o fenômeno no início.

Questionado sobre o que ele mais gosta, Gilvandro diz que é o olhar de felicidade das pessoas que ele leva pra surfar, é saber que ele faz parte dessa história, é participar do “Ritual do Bibita”, é estar livre no meio da Amazônia fazendo o que ele gosta.

Questionado sobre a sensação de surfar a pororoca Gilvandro disse: “Surfar uma pororoca é uma sensação linda de estar praticando o esporte que mais gosto, e recebendo umas das energias mais puras emanadas pelo planeta terra”.

Questionado sobre a diferença entre o surfe no mar e na pororoca ele relatou que o surfe no mar era o cotidiano e que na pororoca era diferente porque lá se pode sentir uma energia diferente da onda, o tempo de surfe que você fica em pé numa prancha, lá você pode pegar 4 bancadas de 10 minutos, que dá 40 minutos de surfe num dia, equivalente a um ano de surfe aos finais de semana no mar.

Questionado sobre o futuro do surfe na pororoca Gilvandro traz à tona a questão do crowd (multidão), pois como a onda em si é limitada pois é apenas uma onda e a tendência é que com o tempo, muitas pessoas procurem surfar essa onda também e isso pode vir a acirrar a disputa por espaço e possivelmente o incremento do “localismo” acontecerá.

Localismo diz respeito pratica que ocorre em várias praias do mundo onde os habitantes locais determinam as regras de surfe e dão preferência a eles nas ondas, com isso acontecem brigas e discussões acaloradas nestes lugares com pessoas que vem de fora e são conhecidos como “houles” (forasteiros).

Figura 33 - Ícaro Lopes



Fonte: Ícaro Lopes (Arquivo pessoal)

O oitavo entrevistado é o empresário cearense e meu filho **Icaro Lopes** 31 anos que começou a surfar com 5 anos.

Questionado sobre quantas e qual foi sua primeira vez surfando a pororoca: Ícaro declara que foi em seis expedições e que a primeira foi ao Rio Araguari no Amapá em 2013.

Sobre quais pororocas ele já surfou Ícaro enumerou as pororocas dos Rios: Mearim e Pindaré no Maranhão, Rio Araguari, Sucuriju e Livramento no Amapá.

Sobre sua motivação ele fala que veio através das histórias que ele me ouvia contando

Sobre o que mais gosta na pororoca Icaro relata que é a hora do surfe (ele não gosta muito das longas viagens de barco) e o ritual Auêra Auára que segundo ele, depois que é feito, sempre traz boas energias para a trip.

Questionado sobre a experiência de surfar a pororoca Ícaro diz que surfar a Pororoca é uma experiência única, estar no meio da floresta amazônica para surfar uma tsunami é realmente assustador e incrível ao mesmo tempo e quando você fica em pé na prancha e começa a manobrar o instinto é fazer o máximo de manobras possíveis pois é assim que fazemos no mar porém na pororoca você percebe que não precisa dessa pressa pois ainda tem mais 5, 10, 15 minutos de onda pela frente para você aproveitar.

Questionado sobre a diferença entre o surfe do mar e da pororoca, Ícaro define principalmente que a diferença está no tempo de permanência pois, no mar, em média, acredita que ficamos 20 segundos na onda, já na pororoca 10,20,30 minutos. Comparando com corrida o mar seriam os 100 metros rasos e a pororoca uma maratona.

Sobre o que ele mais gosta no fenômeno da pororoca, declara que além da onda ser muito divertida, é a experiência de estar no meio da floresta literalmente caçando a onda perfeita que encanta.

Questionado sobre o futuro do surf na pororoca, Ícaro acredita que será a descoberta de novas pororocas pelo mundo e cada vez mais gente conhecendo esse fenômeno.

Figura 34 - Jailson Sena



Fonte: Jailson Sena (Arquivo pessoal)

O nono entrevistado foi o cearense natural de Trairí na comunidade de Guajirú o empresário e waterman **Jailson Sena** 39 anos.

Questionado sobre quantas vezes e onde surfou o fenômeno Jailson disse que foram 3 vezes e que sua primeira vez foi em 2019, todas na pororoca do Rio Mearim – MA

Sobre a motivação que o levou a surfa o fenômeno Jailson cita a curiosidade de conhecer o fenômeno e incentivo de amigos.

Questionado sobre a sensação de surfar a pororoca Jailson enfatiza que é uma experiência única. E que todas pessoas que ao menos ficam de pé em uma prancha devem viver. Que tomar o chá e se pintar no ritual das águas te transporta para uma outra época onde a natureza era absoluta.

Sobre a diferença entre o surfe no mar e na pororoca, ele define o surfar a pororoca como uma onda que dá a opção de surfar por um muito tempo. Algo que não e possível surfar em ondas do mar.

Questionado para descrever a sensação de surfar a pororoca Jailson diz que o mais impactante é a emoção de encontrar um fenômeno incrível como este no meio da selva

Sobre a importância do surfe na pororoca na vida dele, Jailson relata que: “Tem uma importância de me tornar cada dia mais admirador da natureza e saber respeitá-la sempre”

Sobre o futuro do surfe na pororoca Jailson é bem otimista e vê um futuro promissor, pois segundo ele é um momento único com hora marcada, e com o crescimento do foilsurf, vai abrir ainda muito mais possibilidades nesse fenômeno.

Figura 35 - Noélio Sobrinho



Fonte: Noélio Sobrinho (Arquivo pessoal)

O décimo e último entrevistado é o maior responsável pelo movimento cultural, esportivo e turístico de pororocas no Brasil, o paraense **Noélio Côrtes de Oliveira Sobrinho 54 anos**. Atual presidente da FEPASURF (Federação de Surf do Pará) e da ABRASPO (Associação Brasileira de Surf na Pororoca)

Questionado sobre quantas vezes já foi e qual sua primeira vez na pororoca, Noélio enumera 211 vezes e sua primeira incursão foi em 1997 no Canal do Perigoso no Arquipélago do Marajó-PA.

Sobre quais pororocas já surfou, Noélio acredita ter surfado mais de 95% delas desde o Maranhão até o Amapá, surfou também na França no Rio Dordogne, na Indonésia na Ilha de Sumatra no Kampar River e uma Incursão a famosa pororoca chinesa Silver Dragon no Quiantang River em 2013.

O que o motivou foi uma série de fatos dentre eles: “eu ser surfista desde muito jovem, depois ouvi falar desse fenômeno através do meu pai e posteriormente no final dos anos oitenta, conversando com a lenda do surfe cearense Marcelo Bibita, vislumbramos a possibilidade de fazermos uma expedição pra surfar a pororoca e isso nunca saiu da minha cabeça”.

Questionado sobre a sensação de surfar a pororoca Noélio diz que é uma experiência única, cheia de desafios, não só para surfar a onda mas para viabilizar as expedições.

Questionado sobre a diferença sobre o surfe no mar e na pororoca Noélio respondeu: “No mar você chega com sua prancha e vai praquele lugar e pega várias ondas. Na pororoca existe toda uma logística e rituais pra surfar, além de ser apenas uma onda, porém enquanto no mar você surfa uma onda de no máximo uns 30 segundos em média na pororoca o tempo é outro pois você pode surfar ondas de 5, 10, 15 e até muito mais minutos dependendo do dia e local onde você entrou na onda”.

Questionado sobre o que mais gosta em surfar a pororoca Noélio cita a vibe da galera, da energia da natureza que cerca toda ação. Ver os pássaros, a vida selvagem e logicamente surfar aquela onda infinita.

Sobre a importância da pororoca na vida dele Noélio afirma que a importância está hoje além da atividade pessoal do surfe, pois ele é produtor de eventos e com isso a responsabilidade aumentou bastante pois tem que olhar o surfe na pororoca como um todo envolvendo também as comunidades ribeirinhas.

Sobre o futuro do surfe na pororoca Noélio elenca a ligação intrínseca do turismo sustentável ao desenvolvimento das comunidades onde a Abraspo atua. Apesar de já haver começado com este projeto com a escola de surf da pororoca de Chaves no Marajó, ele vê com bons olhos a criação de mais escolas de surfe.

As prefeituras de olho no futuro e com nossa assessoria, certamente irão compreender a importância desse movimento da pororoca e promoverão cursos de capacitação de guias turísticos esportivos.

“Vejo também meu sonho se realizar com a criação do circuito mundial de surfe na pororoca”. Outros esportes e equipamentos em breve chegarão e com certeza vai revolucionar a maneira de usufruirmos dessa onda maravilhosa, pois com estes novos equipamentos, novas tecnologias e nosso expertise no surfe da pororoca, estenderemos os limites no fenômeno cada vez mais e com mais segurança, atraindo assim mais e mais surfistas e admiradores, e consequentemente trazendo junto o desenvolvimento para as comunidades ribeirinhas.

5 DISCUSSÃO

Comparando as respostas dos dez entrevistados - George Noronha, Jeronimo Aranha Ribeiro Junior (Minhoca), Vinícius Gomes (Cabocão), Eduardo Salomão, Franco Piserchia, Stanley Gomes, Icaro Lopes, Jailson Sena, Gilvandro Almeida |(Jr. Doido) e Noélio Sobrinho foi possível observar muitas semelhanças em relação à minha própria experiência de surfar a pororoca.

Em relação ao número de vezes que surfaram a pororoca, George Noronha estima ter participado de cerca de 25 a 30 operações em diferentes locais, incluindo Amapá, Pará, Maranhão, China e Sumatra. Por outro lado, Jeronimo Aranha Ribeiro Junior (Minhoca) mencionou que já surfou a pororoca inúmeras vezes, mas não tem um número exato. Ele aproveita a oportunidade de surfar a pororoca todos os anos, pois mora próximo às regiões onde ocorrem.

Já Vinícius Gomes (Cabocão) surfou a pororoca cerca de 50 vezes, sendo a sua primeira vez em 2001 no Rio Mearim, no Maranhão já os menos experientes com Jailson Sena três vezes e Ícaro Lopes seis vezes, sentem praticamente a mesma sensação e desejo dos demais. Isso pode ser constatado ao ouvir as respostas de Stanley, Noélio, e Almeida júnior estes, da mesma forma que eu com mais de uma centena de pororocas surfadas.

Em relação às pororocas surfadas, George Noronha mencionou ter surfado em diversos locais no Brasil, como Rio Araguari (AP), Rio Sucuriju (AP), Rio Mearim (MA), Rio Livramento (AP), Rio Capim (PA), Rio Amazonas (PA), além de outras em expedições exploratórias cujos nomes ele não recorda. No exterior, ele participou junto comigo, com Adilton Mariano e Noélio Sobrinho de uma expedição a famosa pororoca Silver Dragon (Dragão Prateado) no Rio Quiantang, na China, e no Rio Kampar, na Ilha de Sumatra. Em 2013.

Jeronimo Aranha Ribeiro Junior (Minhoca) surfou as pororocas dos rios Mearim, Pindaré e São Domingos do Capim, todos localizados no Pará. Vinícius Gomes (Cabocão) surfou a pororoca nos rios Mearim (Maranhão) e Capim, já Noélio, Almeida e Stanley falaram sobre pororocas no Arquipélago do Marajó, no Arquipélago do Bailique e algumas no norte do Amapá. Para Noélio e Franco foi incluída ainda a pororoca do Rio Dordogne na França.

Hoje, as principais pororocas surfadas por nosso grupo de caçadores de pororocas, seja por sua facilidade de acesso ou pela qualidade da onda são elas: Rio Mearim (Mearim Mirim e Pindaré) (MA), Rio Capim (PA) e Rio Amazonas (Arquipélago do Marajó). Valendo\ ressaltar que até 2014 a pororoca do Rio Araguari (hoje extinta) era a mais cobiçada e surfada por todos.

Em relação à motivação para surfar a pororoca, George Noronha mencionou que foi despertado pela curiosidade e pelo desejo de vivenciar experiências diferentes. Ele ouviu relatos emocionantes de outros surfistas, como Bibita, que despertaram sua curiosidade. Jeronimo Aranha Ribeiro Junior (Minhoca) foi introduzido à pororoca por ter conhecido Noélio, que o levou a surfar pela primeira vez em Arari, no Maranhão. A partir dessa experiência, ele se apaixonou pelo surfe na pororoca.

Vinícius Gomes (Cabocão) também levado por Noélio, viu na pororoca a possibilidade de descobrir uma nova modalidade de surfe no Maranhão, buscando inovação e desafios pessoais. Noélio ouviu falar da pororoca através de seu pai e de uma conversa com o amigo Marcelo Bibita ainda nos anos 80, Franco Piserchia e Almeida, também tiveram a motivação que precisavam devido a amizade com Noélio, Stanley por morar no Amapá e ser amigo da galera pioneira.

Dr Eduardo por ser filho de Arari e como surfista ver o movimento da turma da Abraspo, acabou entrando na onda da pororoca, Jailson foi levado por Bibita assim com seu filho Ícaro Lopes que se inspirava com as histórias contadas pelo pai. Enfim as motivações estão sempre ligadas a aventuras e desafios pessoais e a motivação na força e energia de jovens sonhadores e no espírito desbravador e entusiasta de Noélio Sobrinho a quem deposito todos os créditos por estarmos até hoje surfando e desbravando essas ondas de marés.

Para nós a pororoca tem uma grande importância em nossas vidas. E muitos de nós considera essa experiência como algo transformador, que trouxe novos desafios e ampliou nossos horizontes no surfe. Além disso, destaco que nesta interação é de suma importância a preservação dos locais onde ocorre a pororoca e com isso buscamos sempre conscientizar as pessoas sobre a importância da conservação ambiental.

Em relação aos desafios enfrentados ao surfar a pororoca, um dos principais desafios é lidar com a imprevisibilidade das condições do rio. É necessário estar preparado para surfar em um ambiente selvagem, com muitas variações de ondas e correntezas. Exigindo técnica, equilíbrio dos surfistas, além de conhecimento sobre o rio e suas características. Ressaltando que surfar a pororoca requer uma boa preparação física e mental, pois é preciso ter resistência para enfrentar longas remadas e adaptar-se às condições sempre mutáveis do rio.

Sobre os momentos mais marcantes ao surfar a pororoca, destaco a sensação de liberdade e o contato íntimo com a natureza, e a cada onda surfada é uma experiência única, renovada e inesquecível. Ondas que duram verdadeiras eternidades em que você supera seus limites domando aquela força descomunal com harmonia e prazer.

Em relação aos conselhos para quem deseja surfar a pororoca, destaca-se a importância de ir com quem já tem experiência, conhecer bem o rio e suas características, além de estar preparado física e mentalmente. Sempre respeitar seus limites e preservar os locais onde ocorre a pororoca.

Outro fato que marca muito a passagem dos surfistas na pororoca diz respeito ao ritual das águas Auêra Auára onde há uma interação de todos com a natureza num momento de reflexão sobre a importância da preservação do meio ambiente e da harmonia entre os participantes. A dança, a fogueira, o chá de ervas, a fumaça colorida, o som, as pinturas ritualísticas, tudo transcende a simples ação do surfe.

Deste modo, a experiência de surfar a pororoca é algo transformador, emocionante, místico e desafiador. A pororoca proporciona momentos únicos de conexão com a natureza e superação pessoal, deixando memórias inesquecíveis para aqueles que se aventuram a surfar suas ondas.

Além dos surfistas, a pororoca também atrai a atenção de muitos espectadores e turistas que buscam vivenciar essa experiência única. As ondas geradas pela pororoca são impressionantes e atraem pessoas de diferentes partes do mundo para testemunhar esse fenômeno natural. As comunidades locais têm buscado aproveitar o potencial turístico da pororoca, promovendo eventos e oferecendo infraestrutura para receber os visitantes.

No entanto, é importante mencionar que a pororoca também apresenta desafios e preocupações ambientais. A preservação dos ecossistemas que abrigam esse fenômeno é fundamental para garantir a continuidade e a saúde da pororoca. A poluição, a degradação dos rios e o desmatamento são questões que afetam diretamente a formação das ondas da pororoca e comprometem a vida das espécies que habitam essas áreas.

Diante desses desafios, há iniciativas de conservação e conscientização em andamento. Projetos ambientais e organizações não governamentais trabalham para proteger os ecossistemas da pororoca e promover práticas sustentáveis. É essencial que haja um equilíbrio entre a exploração turística e a preservação ambiental, para que as gerações futuras possam desfrutar desse fenômeno natural.

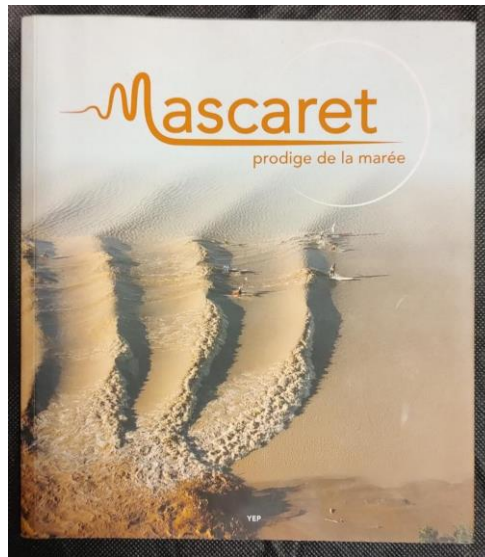
No contexto do surfe da pororoca, também é importante mencionar a evolução das técnicas e equipamentos utilizados pelos surfistas. Ao longo dos anos, os surfistas têm buscado aprimorar suas habilidades e desenvolver pranchas específicas para enfrentar as condições desafiadoras da pororoca. Essas pranchas são projetadas para proporcionar estabilidade, velocidade e controle nas ondas da pororoca.

Além disso, competições de surfe da pororoca têm ganhado destaque, reunindo surfistas de diferentes partes do mundo para competir e demonstrar suas habilidades nesse cenário único que contribuem para a divulgação da pororoca e a promoção do surfe como esporte.

Outro fato que gostaria de mencionar a respeito desse movimento diz respeito ao desenvolvimento esportivo do surfe na pororoca como esporte estruturado, haja vista que o mesmo tem uma Associação (ABRASPO) reconhecida pela Confederação Brasileira de Surf (CBSurf) que a mesma já realizou 14 circuitos brasileiros de surf na pororoca na modalidade surf masculino e 03 femininos, um brasileiro de Longboard e três de body boarding. Estes circuitos incluíram e incluem os estados do Amapá, Pará e Maranhão.

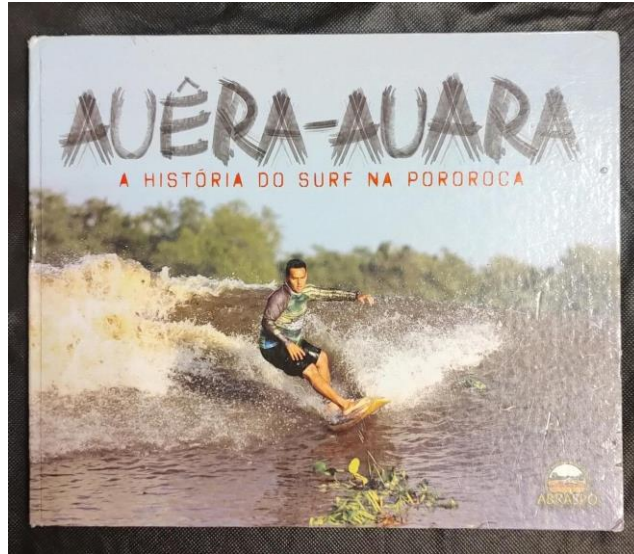
Não poderia também de deixar de mencionar a produção literária advinda desta pratica com a publicação de alguns livros como: Pororoca a Onda do Brasil (SOBRINHO NOÉLIO, 2022), Auêra Auára a História do surf na pororoca (SOBRINHO NOÉLIO; SILBER,, 2013) Mascaret prodige de la marée (Yep Colas 2017). E as inúmeras matérias produzidas por canais de tv e sites nacionais e internacionais sobre o surf na pororoca.

Figura 36 - capa do livro “Mascaret prodige de la marée”



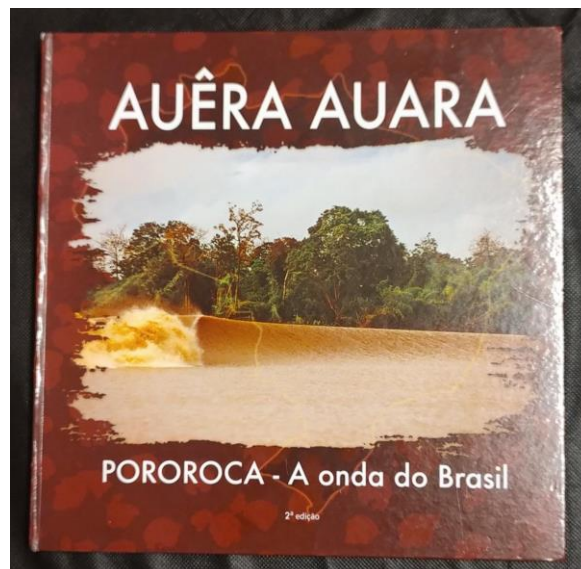
Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 37 - Capa do livro “Auêra – Auara”



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 38 - capa do livro “Auêra Auara: Pororoca – a onda do Brasil”



Fonte: elaborado pelo autor

6 CONCLUSÃO

Ao final deste estudo, foi possível sistematizar e compartilhar a história do surfe na pororoca, baseando-se em relatos orais dos pioneiros e em uma reflexão pessoal sobre essa prática esportiva. Através da análise das narrativas dos participantes, pudemos compreender os desafios enfrentados para domar as poderosas ondas de água doce nas regiões remotas do Brasil.

A pesquisa revelou as demandas, as interações com as comunidades locais e as transformações vivenciadas pelos surfistas ao explorar as pororocas nos rios Amazonas, Capim, Mearim e muitos outros. Foi possível evidenciar a importância do surf na pororoca não apenas como um esporte estruturado, com seu próprio circuito e associações, mas também como uma fonte de satisfação pessoal e lazer.

Como aluno do curso de Licenciatura em Educação Física e surfista pioneiro nesse contexto, tive a motivação e o compromisso de investigar e sistematizar essa história de forma precisa e responsável. Ao utilizar relatos orais, pude trazer à tona os desafios enfrentados pelos surfistas ao longo desses vinte e cinco anos de experiência na pororoca, assim como destacar a importância desse esporte como elemento de preparação para a vida em sociedade.

Através deste estudo, busquei contribuir para a exposição e valorização da história do surfe na pororoca, fornecendo informações valiosas aos pesquisadores interessados nesse tema. Além disso, pretendo subsidiar futuros estudos e pesquisas nessa área, problematizando a experiência dos pioneiros e destacando a relevância sócio desportiva desse fenômeno.

O surfe evoluiu ao longo dos anos, tornando-se não apenas um esporte, mas também uma indústria lucrativa, sua cadeia produtiva movimenta milhões de dólares anualmente, com marcas, eventos e turismo relacionados ao esporte. Novas possibilidades, como o surfe em piscinas com ondas artificiais, estão surgindo, proporcionando uma experiência controlada e acessível para os praticantes.

Apesar da relevância histórica do surfe, ainda existe um certo estigma em relação ao reconhecimento acadêmico do esporte. A história do surfe é muitas vezes subestimada e considerada de menor valor em comparação a outros temas, no entanto, o campo de pesquisa e investigação relacionado ao surfe vem se consolidando, e é importante valorizar e estudar a história e cultura do surfe como parte do patrimônio humano. Principalmente hoje que o surfe é esporte olímpico e onde o Brasil é o atual medalhista de ouro com o atleta potiguar Italo Ferreira.

O surfe na pororoca transcende a dimensão competitiva, sendo também uma fonte de

prazer, aventura e realização pessoal. Não deve ser excluído da cultura corporal do movimento e das práticas corporais, devido à sua importância histórica e sua essência lúdica e voluntária.

Ao longo deste trabalho, tentei mostrar que a história do surfe na pororoca dialoga não apenas com a história do esporte, mas também com uma "história da diversão" e do lazer. Essa prática esportiva proporciona satisfação e alegria pessoal, e sua evolução tem despertado interesse em diversos setores da sociedade, incluindo o político, econômico, social, cultural e educacional.

Ao analisar as respostas dos dez entrevistados -- pude observar que assim como é para mim, a experiência de surfar a pororoca é única e cativante para cada um deles. Embora tenhamos vivido experiências diferentes, todos eles destacaram a importância de conhecer bem o rio, estar preparado física e mentalmente, e respeitar a natureza ao surfar a pororoca.

A pororoca oferece momentos emocionantes, uma sensação de liberdade e conexão íntima com a natureza. Cada onda surfada é uma experiência inesquecível, repleta de emoção e superação pessoal.

Outro fator essencial que sempre estamos atentos é a preservação dos ecossistemas que abrigam a pororoca. A poluição, a degradação dos rios e o desmatamento podem comprometer a formação das ondas e afetar a vida das espécies que dependem desses ambientes, haja vista o que aconteceu com a pororoca do Rio Araguari. Sendo a conscientização ambiental e a adoção de práticas sustentáveis fundamentais para garantir a continuidade desse fenômeno natural e sua importância como vetor de desenvolvimento sustentável e atração turística. Nesse sentido, iniciativas de conservação e projetos ambientais são essenciais para proteger os ecossistemas da pororoca e a busca por um equilíbrio entre a exploração turística e a preservação ambiental é fundamental para garantir que as gerações futuras possam desfrutar desse fenômeno único.

O surfe da pororoca também impulsionou a evolução das técnicas e equipamentos utilizados pelos surfistas. Quando iniciamos no final do milênio passado, além de termos pouca ou quase nenhum conhecimento das bancadas dos rios de pororoca, usávamos equipamentos inadequados para o "ataque" as ondas com lanchas de alumínio e motor de popa grandes e pesados o que acarretou em inúmeras vezes o encalhe nas rasas bancadas de lama e areia no meio dos rios.

Com o tempo fomos descobrindo novos equipamentos e maneiras seguras de abordagem. Hoje além do conhecimento de grande parte das bancadas e caminhos dos rios onde surfamos a pororoca, usamos jet-skis com pranchas suporte (slads), banana boat (infláveis) rebocadas por jets e lanchas especiais para minimizarmos os riscos.

O aprimoramento das habilidades, o treinamento dos pilotos, a busca de novas embarcações e o desenvolvimento de pranchas específicas para enfrentar as condições desafiadoras da pororoca são evidências da busca constante por melhores desempenhos nesse cenário singular.

Por fim, como autor deste trabalho e participante ativo dessa saga, espero ter contribuído para a exposição e preservação da história do surf na pororoca, utilizando relatos pessoais e narrativas dos envolvidos para reconstruir um panorama consistente dessa modalidade esportiva. É minha expectativa que este estudo inspire novas pesquisas e ações que valorizem e promovam essa prática esportiva, reconhecendo sua importância na vida daqueles que vivenciam esse fenômeno único.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, S. Pororoca Florestal. **Brasil Adentro**. Abr./mai. 2016.

A HISTÓRIA OLÍMPICA ENTRE O PAI DO SURF MODERNO E O TARZAN. **CBSURF**, 2020. Disponível em: <https://cbsurf.org.br/a-historia-olimpica-entre-pai-do-surf-moderno-e-o-tarzan/>

A HISTÓRIA DO SURF NO BRASIL. **LEVYLEILOEIRO**, 2016. Disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=234300>.

ANDRAUS, R. **A Grande História do Surf Brasileiro**. 1. ed. Belo Horizonte: ameditora, 2019.

ANTONY “YEP” COLAS, Mascaret prodige de la mareé editions YEP publié novembre 2017 ISBN 978-2-9510162-2-4 N.P. (217) IL.

A POROROCA DO MARAJÓ. Direção: Uidú Produções. 2022. 1 vídeo (22:01 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vHT7Ei5WVNo>

A POROROCA DO MARAJÓ EP. 02 RITUAL AUÊRA AUARA. Direção: Uidú Produções. 2022. 1 vídeo (22:01 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=buIzQIKLAew>

CHAGAS, M. A.; SANTOS, E. S.; CUNHA, A. C. Alguém viu a pororoca por aí? **XXI Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos**, 2012.

DA COSTA, LAMARTINE (ORG.). Atlas Do Esporte No Brasil. Rio De Janeiro: **CONFEF**, 2006.

DA GRAÇA, J. C. P. **A interação rio-mar no município de Arari, estado do Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

DIAS, C. A. G. O surfe e a moderna tradição brasileira. **Movimento**. v.15, n. 4, p. 257 –286. 2009.

DOCUMENTÁRIO POROROCA NO AMAPÁ. Direção: André Felipe. 2002. 1 vídeo (41:49 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rpYlmlY4Lo4>

IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE SURF NA POROROCA. **Prefeitura de chaves**, 2022. Disponível em: <https://chaves.pa.gov.br/implantacao-da-escola-de-surf-na-pororoca/>

INSTITUTO CLARO. **Classificação dos esportes**. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/classificacao-dos-esportes/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MARCELO BIBITA NA POROROCA. Direção: Kia ora produções. [S. l.: s. n.], 2017. 1

vídeo (11 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4rUm-6jCZ0>.

MATOS, J.S.; SENNA, A.K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Revistahistória**. v.2, n.1, p. 95 – 108. 2003

MELO, V.A.; FORTES, R. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**.v.12, n.22, p.11 – 35. 2010.

MELO, V.A.; FORTES, R. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**. v.12, n.22, p.11 – 35. 2010.

MOREIRA, Miguel. **Surf: da ciência a prática**. 1. ed. Lisboa: fmh edições, 2009.

NAVARRO, F.; DANUCALOV, M.A.; ORNELLAS, F.H. Consumo máximo de oxigênio em surfistas brasileiros profissionais. **R. bras. Ci. e Mov.** Vol..18. Núm.1. p. 56-60. 2010.

NEPOMUCENO, L. B. A esportivização do surfe: reflexões a luz de Pierre Bourdieu **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 32, n. 62, p. 01-17, abril/junho, 2020.

SANTOS, V. F. D. Ambientes **Costeiros Amazônicos: Avaliação de Modificações por Sensoriamento Remoto**. Tese (Doutorado em Geologia e Geofísica Marinha). Universidade Federal Fluminense, 2006.

SARMANHO, Denis. Maior pororoca registrada até hoje. **Nalusurfboard**, 2010. Disponível em: <http://nalusurfboards.blogspot.com/2010/04/maior-pororoca-registrada-ate-hoje.html>

SETTI, A. Mami Wata e o poder do afrosurf. **The Summer Hunter**, 2023. Disponível em: <https://thesummerhunter.com/mami-wata-e-o-poder-do-afrosurf/>.

SOBRINHO NOÉLIO; Pororoca a onda do Brasil 2º Edição Editora. Black Gold - Belém – Pará – Brasil - 2022 N.p. (198): il.

SOBRINHO NOÉLIO; Auêra Auara:A história do surf na Pororoca – Pará –Amapá – Maranhão / Noélio Sobrinho; Paulo Silber da Gama Alves. Belém: Ed., 2013 N.p. (200):il. ISBN 1. Pororoca. 2. Surf. I. Título. CDD. 21. Ed.: 025 Bibliotecaria responsável: Lívia T. Moraes CRB 2/1426.

SOUZA, Rico de. **Boas ondas: surfando com Rico de Souza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SURFANDO NA POROROCA. **MALAS PRONTAS**, 2012. Disponível em: <https://gcenturismo.wordpress.com/2012/10/16/surfando-na-pororoca/>

THE STORY OF THE "CHILDREN OF THE TIDE". **SUFERTODAY**, 2019. Disponível em: <https://www.surfertoday.com/surfing/the-story-of-the-children-of-the-tide>

TORRES, A; EL-ROBRINI, M. Zona Costeira Oceânica e Estuarina do Amapá. In: Dieter Muehe. (Org.). **Atlas de Erosão e Progradação do Litoral Brasileiro**. São Paulo, 2006, p. 1-25.

Wolanski, E., Mazda, Y., & Furukawa, K. (2010). Hydrodynamics of the Pororoca

Phenomenon in the Amazon River. **Journal of Coastal Research**, 26(4), 784-789.

Zanella, Nik. 2021. “**Treading Waves**” on the Qiantang River: An Exploration of Wave Riding in Chinese History and Literature.” *TEXT* 25 (Special 65): 1–15. <https://doi.org/10.52086/001c.28071>.

ZUCCO, F.D.; MESQUITA, A.; PILA, A. **Surf - um mercado em evolução**. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXV, 2002, Salvador, anais, Salvador, 2002, p. 1 – 17.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Perguntas de apresentação:

Qual o seu nome?

Qual a sua idade?

Com quantos anos começou a praticar o surfe?

Perguntas específicas:

Pergunta 1: Quantas vezes você já foi a pororoca e qual sua primeira vez?

Pergunta 2: Quais pororocas você já surfou?

Pergunta 3: O que motivou você a surfar esta onda?

Pergunta 4: Como você descreveria a experiência de surfar a pororoca

Pergunta 5: Qual a diferença entre o surfe na pororoca e o surfe no mar?

Pergunta 6: O que você mais gosta na pororoca?

Pergunta 7: Qual a importância desta experiência na sua vida?

Pergunta 8: qual o futuro do surfe na pororoca?